

COMENTÁRIO AO
ZATACHAKRA NIRUPANA

© 2015 CAFH

Todos os direitos reservados

Sumário

| | |
|---|-----------|
| ZATACHAKRA NIRUPANA | 3 |
| O SUSHUMA | 5 |
| ADHĀRĀ-CHAKRA | 10 |
| A CÂMARA SECRETA | 14 |
| SVĀDHISHTHĀNA | 19 |
| MANIPURA | 24 |
| ANĀHATA | 28 |
| VISHUDDA | 33 |
| ĀJNĀ | 38 |
| SAHASRĀRA | 43 |
| NIRVANĀ-SHAKTI | 48 |
| NITYĀNANDA | 50 |
| SHUDAHA SATTVA | 52 |
| O RETORNO DE KUNDALINI | 54 |
| COMENTÁRIO AO TEXTO DO SHATKRANIRUPANA | 56 |
| TEXTO DO PĀDUKĀ-PANCHAKA | 66 |

ZATACHAKRA NIRUPANA

Primeira Ensinança

A potência energética do Universo é a origem dos sete éteres cósmicos, os quais são um em potência e sete em movimento, e se chamam os Sete Raios Cósmicos.

A energia destes sete raios no homem e seu poder é o que vai ser explicado.

Os ascetas hindus dedicaram uma especial atenção ao desenvolvimento desta força no homem e deixaram exemplos escritos e textos, que confirmam sua experiência.

Vai ser comentado um dos mais famosos destes textos: o ZatachakraNirupana, também chamado SahtchakraNirupana.

A palavra “Nirupana” significa estudo profundo; “Zata”, lugar e “Chakra”, roda. O conjunto: estudo do movimento das rodas e sua localização.

Este precioso documento do saber espiritual hindu consta de cinquenta e um versículos e um versículo preliminar.

VERSÍCULO PRELIMINAR

“Agora falo Eu, do primeiro broto da planta do ascetismo: da completa realização de Deus; a qual deve ser lograda de acordo com os exercícios e passando, sucessivamente e em ordem, pelas seis rodas”.

COMENTÁRIO

AGORA

Tem um significado característico e especial; quer dizer que é o momento; antes não podia ter sido feito; somente agora o discípulo está em condições de receber a ensinança e o Mestre pode falar porque chegou ao cume sua realização divina.

FALO EU.

Não se diz fala o Guru, senão Eu, o Ser Libertado, aquele que chegou ao mais alto cume da realização, à identificação com o Espírito, ao final da Senda; aquele que sabe que é o momento propício para falar.

DO PRIMEIRO BROTO.

Não se fala do fim supremo, da realização total, senão do princípio, do primeiro broto; vale dizer que, desde o princípio, a alma que pôs o pé na Senda, participa desde já da realização divina. Ainda que condicionada e parcialmente, já ao começar o caminho, participa da Divina União.

DA PLANTA DO ASCETISMO.

A planta do Yoga indica que o caminho ascético não é cheio de caprichos, nem desordenado, nem se realiza em um salto; senão que é comparável a uma planta na qual deve ter primeiro uma semente de disposição interna e um terreno propício. A planta crescerá pouco a pouco, paulatinamente, mas crescerá.

DA COMPLETA REALIZAÇÃO DE DEUS.

Posta a alma em movimento ascético, tendo dado já o primeiro impulso, a realização é segura.

A QUAL DEVE SER LOGRADA DE ACORDO COM OS EXERCÍCIOS E PASSANDO SUCESSIVAMENTE E EM ORDEM.

A realização divina deve ser lograda com os exercícios tântricos prescritos no Laya Karma Yoga, e mediante um plano de trabalho, de etapas evolutivas e metodicamente.

A realização divina não se deixa definir, mas existe.

Este é um processo que não admite saltos; o ser deve conhecer sucessivamente e em ordem os movimentos do éter cósmico que existem dentro dele.

PELAS SEIS RODAS

Os sete centros de força ou chakras não são mais que a expressão de um único éter cósmico; mas este deve ser realizado parcialmente em seis etapas, sob seis formas e através dos seis centros.

Os textos hindus nomeiam apenas seis centros de força ou chakras, deixando à parte o centro coronário ou Sahasrāra, pois o consideram como a síntese dos demais centros.

O SUSHUMA

Segunda Ensinança

VERSÍCULO 1º

“No espaço exterior da espinha dorsal, estão os dois cordões nervosos do Grande Simpático, localizados a direita e a esquerda”.

“A medula espinhal ou nervo espinhal está no meio, e sua substância é a união das três qualidades. Por isso essa substância advém da lua, do sol e do fogo e é formada por eles. Seu corpo, uma cadeia de flores vermelhas, se estende desde o meio do plexo coccídeo até a cabeça ou bulbo raquidiano; e em seu interior se estende a vara brilhante, desde o pênis até a cabeça”.

COMENTÁRIO

O texto chama a espinha dorsal, simbolicamente, de Monte Meru, para dizer que aquele que, por vontade própria, consegue elevar o éter cósmico até o cérebro, realizou a verdadeira união com Deus.

O Mestre dos ensinamentos não morria, mas dirigia-se ao Monte Meru e se transformava em um Deus, em um mito. Transmutar o éter cósmico é transformar o ser humano em um ser divino e duradouro.

Como alguns comentários dizem que o Kundalini se enrosca, ao subir, na coluna vertebral, aqui se expressa que não é dentro da espinha dorsal e sim fora dela que o Kundalini sobe e desce, a direita e a esquerda respectivamente, por dois cordões. Os hindus chamam de Shirās o movimento nestes dois cordões; um é Sashī e o outro Mihira.

A espinha dorsal e seus canais são chamados pelos hindus Sushumnā. O Nādisushumnā é somente a medula ou nervo espinhal. Dentro do Sushumnā está o éter cósmico; e esta substância reúne em si os três aspectos: o material, energético e espiritual. Os hindus chamam a estes três aspectos da substância cósmica, as três Gunas. Elas são: Sattva, Rajas e Tamas.

Sattva é a mente, o equilíbrio, a compreensão.

Rajas é a energia, o movimento, a paixão.

Tamas é a matéria, o peso, a inércia.

Esta substância advém da lua, do sol e do fogo. Da lua em seu aspecto feminino, do sol em seu aspecto masculino e do fogo, em seu aspecto neutro.

O Sushumnā é o corpo que guarda essa substância que o texto, poeticamente, chama cadeia de flores vermelhas ou Dhūstura.

Dentro do Sushumnā existe uma espécie de tubo que guarda a substância divina e que se estende desde o meio do Kanda que é o plexo coccígeo, até a cabeça. E dentro deste tubo há outro tubo mais sutil, que é a vara brilhante ou Vajrā, que vai desde o pênis ou Medhra até a cabeça.

Os inúmeros e diversos textos orientais que tratam do poder cósmico depositado no corpo humano, não são muito claros para determinar exatamente a região onde estão estas forças.

No centro da região coccígea se encontra o triângulo onde descansa o magno poder do éter universal. A Mãe da Criação tem ali sua morada e o piscar de seus olhos é o que dá vida aos seres. Se Ela despertasse totalmente, o poder do homem, seu domínio sobre os elementos e as forças siderais, seria indescritível.

Quando o éter cósmico toma força, ou melhor, encontra passagem livre para subir ao longo da coluna vertebral, sobe pela direita, enroscando-se dentro dos nervos do Grande Simpático; se estabelece primeiro no umbigo, depois no coração e por último no cérebro. O movimento de ascensão é positivo ou solar, criador; o de estabilização é neutro ou do fogo e o de descida é negativo, lunar ou passivo.

Nos seres divinos o assento do éter cósmico se encontra constantemente no cérebro. Nos seres de elevada evolução espiritual, está no coração, sem que desça dali. Nos seres comuns, ainda quando o poder sobe até o cérebro, depois volta a baixar lentamente à câmara sacra ou região coccígea.

Em todos os seres, com maior ou menor impulso, o Kundalini sobe pelos cordões simpáticos para manter a vida do organismo. Mas o éter cósmico não sobe somente pelos cordões simpáticos; também tem outras vias que estão traçadas mas não são usadas comumente.

A segunda via está dentro da espinha dorsal e se enrosca ao redor da vara brilhante ou Vajrā, dando aos seres que a podem empregar um extraordinário poder mental e psíquico.

O terceiro caminho está dentro do Brahmanadhi ou canal de Deus e é o que dá o êxtase e o dom espiritual.

O movimento do éter tem relação estreita com a respiração.

Quando o éter ascende, se respira pela fossa nasal direita e quando desce pela fossa nasal esquerda. A respiração marca o ritmo do movimento do éter cósmico.

VERSÍCULO 2º

“Dentro da vara brilhante está Ela, a Deusa da Substância Cósmica. Ela é resplandecente, com o brilho do Ser Supremo, o Om, e os ascetas podem chegar a Ele pela prática da ascética.

Ela, a Deusa da Substância cósmica, é flexível como o fio da aranha e penetra por todos os centros colocados dentro da espinha, e é pura inteligência.

Ela, a Deusa da Substância Cósmica é formosa devido a esses centros que estão ligados a Ela.

Dentro dEla está o canal por onde passa o puro Espírito de Deus, que se estende desde o orifício do falo até o lugar além da cabeça, onde está a Divindade Maior”.

COMENTÁRIO

Antes de seguir adiante na explicação do texto, é necessário conhecer os diversos nomes e conceitos que os hindus têm sobre o éter cósmico depositado no corpo humano.

O éter cósmico é a força do Espírito Divino em movimento; é sua força criadora que tem no ser humano diversas expressões que emanam somente desta única raiz.

O éter cósmico é chamado pelos hindus Chitrinī, especialmente em sua imagem como substância cósmica material.

O éter cósmico, também é chamado pelos hindus Ādideva (Divindade Maior), em sua imagem da substância cósmica no estado da mais alta vibração e localizada no cérebro.

O éter cósmico, da mesma maneira, é chamado pelos hindus Kundalini, e é o aspecto energético da substância cósmica que se localiza no plexo coccígeo.

Chitrinī, a substância cósmica depositada no ser humano, está encerrada cuidadosamente dentro de um canal que se chama Vajrā.

A substância cósmica é sempre mente, energia e matéria; mas seu aspecto preponderante é a da criação das formas.

Esta divina substância, ao preencher completamente toda a coluna vertebral, permite à pessoa ficar em pé. Mas decididamente, a mesma não pode trilhar desunida da causa primordial do Divino Espírito; por isso, Ela, Chitrinī, recebe sua beleza, sua força e sua vida, do Ser Supremo com o brilho de Pradana.

Ao dizer que os Yoguis podem chegar a Ele pela Yoga, significa que a verdadeira liberação para a realização de Deus é alcançada pelo domínio metódico da matéria e a posse da substância cósmica.

Diz o versículo que, Ela, Chitrinī, é flexível como o fio da aranha e penetra em todos os centros. A flexibilidade indica o movimento e o movimento da substância cósmica encerrada dentro da espinha dorsal, é o trabalho da força energética ou Kundalini.

Também diz aqui que Ela é pura inteligência, porque sua finalidade é vibrar até conseguir um estado puramente mental: Ādideva.

Ādideva, Chitrinī e Kundalini são três formas distintas e ao mesmo tempo iguais; trabalham distintamente uma da outra e, no entanto, são inseparáveis; são três emanções independentes e uma única essência em sua causa fundamental.

Como foi dito, Chitrinī se manifesta na matéria; por isso sua beleza é a forma. Devido a esses lótus ligados a Ela, Ela é formosa.

A finalidade do despertar da força cósmica do homem é encontrar a Deus no êxtase mental, que dá Ādideva; isso se consegue com o movimento rítmico da energia interior, Kundalini, atuando sobre Chitrinī.

Enquanto este desenvolvimento vai acontecendo no homem, as manifestações exteriores são de diversas maneiras, variados poderes e diferentes expressões.

Dentro de Chitrinī está o Brahmandi, canal de Deus, que se estende desde a boca de Hara, imagem do falo de Siva, o homem perfeito feito Deus, até o lugar além da cabeça, onde está o assento de Ādideva, a Divindade Maior. Por esse canal passa o vivificante Espírito que está detrás de todos os aspectos da manifestação.

A força da substância cósmica depositada no homem desde o plexo coccígeo até o plexo coronário, é vivificado constantemente pela força cósmica que continuamente penetra no corpo a partir do exterior. Esta força, que vem do exterior, circula pelo Brahmandi e isto significa que é uma força infinitamente mais sutil: uma vibração quase divina, um alento de Deus.

VERSÍCULO 3º

“Ela, a Deusa da Substância Cósmica, é formosa como uma cadeia de relâmpagos, fina como uma fibra de lótus e brilha na mente dos sábios.

Ela é extremamente flexível; é a que desperta o conhecimento puro, a incorporação de toda felicidade, cuja verdadeira natureza é pura consciência.

A Passagem Secreta brilha em sua boca: este lugar é a entrada à região orvalhada de ambrosia e é chamada de Nūdo, como também, Boca da coluna Vertebral”.

COMENTÁRIO

Quando o texto diz que Chitrinī é formosa como uma cadeia de relâmpagos, indica claramente que, embora a substância cósmica se espalhe ao longo da coluna vertebral, cada emoção produz uma tonalidade vibratória diferente.

É fina como uma fibra de lótus, porque é tão sutil como a própria energia, o que a faz vibrar de tal forma, até que brilhe na mente dos sábios, ou melhor, se transforme em Ādideva.

Ao dizer que Ela é a que desperta o conhecimento puro, mais uma vez afirma-se que não há diferença essencial entre os diversos aspectos da substância cósmica, pois estes se unem entre si.

A suprema felicidade gerada pelo despertar do Kundalini no cérebro é chamada incorporação, que é a União; e dessa Incorporação ou União nasce a pura consciência, ou fusão da alma com Deus. A união dos elementos essencialmente iguais, mas aparentemente diferentes, Chitrinī e Ādideva, e que levam ao êxtase supremo por sua unificação, é chamada pelos hindus Shudda-bodha-avabhāva, que quer dizer: Alimento Divino, Pão do Céu, Sagrada Comunhão, Ágape ou Eucaristia.

Para reafirmar o conceito de que Chitrinī é uma com Kundalini e Ādideva, o texto, ao dizer que quando chega ao cérebro se transforma em pura consciência e felicidade, acrescenta que o Brahma-dvara, que é a passagem entre os órgãos genitais e a espinha dorsal, brilha em sua boca, na de Chitrinī, e que esse lugar é a entrada à região divina.

Nūdo é a passagem entre o plexo coccígeo e a espinha dorsal, e se chama também Boca de Sushumnā.

O texto não cansa de frisar que a Substância Cósmica é sempre a mesma, embora tenha diversas vibrações e que sempre é Ela, desde a Boca de Sushumnā até Ādideva.

ADHĀRĀ-CHAKRA

Terceira Ensinança



MŪLĀDHĀRA-CHAKRA

ADHĀRĀ-CHAKRA

Terceira Ensino

VERSÍCULO 4º

“Agora chegamos ao Centro Fundamental. Está junto à boca da Espinha Dorsal, e está localizada debaixo dos genitais e acima do ânus. Tem quatro pétalas avermelhadas. Sua cabeça ou boca se inclina para baixo. Sobre as pétalas estão as quatro letras de Va a Sa de cor brilhante”.

COMENTÁRIO

O Centro Fundamental é chamado pelos hindus Adhārā-lotus ou Mūlādhāra-chakra.

Mūlādhāra quer dizer raiz, princípio.

Adhārā significa princípio absoluto. Também quer dizer extremidade da coluna vertebral.

Nota-se que este centro é aquele que está mais em contato com os órgãos geradores porque se localiza debaixo dos genitais e acima do ânus.

Ao dizer no texto que tem quatro pétalas avermelhadas, os hindus se referem à glândula e quando dizem que a boca está inclinada para baixo, se referem ao falo em estado de relaxamento.

As quatro letras Va, Sha, Sha e Sa que estão sobre as quatro pétalas, dão a entender que este centro é que dá a energia transmutável, porque o quatro simboliza o poder material e a vocalização destas letras é a energia deste poder.

VERSÍCULO 5º

“No centro está a quadrada região do elemento Terra, rodeada de oito lanças brilhantes. É de uma cor amarelada brilhante e formosa como um relâmpago, como é também a Semente do elemento terrestre, que está dentro, no centro”.

COMENTÁRIO

Neste centro se originam todos os átomos físicos porque em sua área reside Prithivī, o elemento terrestre. A cor deste elemento é amarelo e sua forma é quadrada, porque sua vibração é lenta e pesada.

Os hindus chamam a Terra de Bhumi; ao Centro Fundamental ou Mūlādhāra da Terra, ChakraAdhārā-Bhumi; ao elemento terrestre, Prithivī e à Semente do elemento terrestre, Bija

de Dharā. Os hindus também chamam a Semente do elemento terrestre de Indra, Deus da Terra, porque costumam materializar e divinizar os poderes fundamentais com estas figuras.

As oito lanças brilhantes que rodeiam a região Prithivī indicam a lentidão da vibração que emite este centro e sua função de densificar a matéria.

Este centro nunca fica em completo descanso, pois se fosse assim, não haveria vida. Está em descanso quando emite apenas a força necessária para manter a vida material, aquela força do Grande Elemento que sobe pelos cordões simpáticos.

Move-se positiva ou negativamente, quando gera força suplementar e não somente a necessária para a vida material, ou seja, quando há superprodução de energia.

VERSÍCULO 6º

“A semente do elemento Terra, adornada com quatro braços e colocada sobre o Rei dos Elefantes, leva sobre seu regaço o Menino Criador, resplandecente como o jovem sol, que tem quatro braços brilhantes, e o adorno de sua configuração é quádruplo”.

COMENTÁRIO

Sempre se verá que todos os atributos deste centro, como os de seu elemento, são quádruplos.

Um elemento, imprescindivelmente, também tem que reunir em si os elementos restantes; por isso a Semente do elemento Terra, Bija de DharāPrithivī, está sentada sobre o Rei dos Elefantes, Airāvata, a nuvem, água e ar. A imagem materializada da Semente do elemento terrestre é representada no texto como uma mulher sentada sobre uma nuvem, Airāvata, levando em seus braços um pequeno infante, como se apresentam as imagens da Virgem.

O Menino Criador é o fruto da Semente do elemento terrestre; é o princípio ou o primeiro modelo da vida física e representa a plenitude da mesma, já que resplandece como um jovem sol. Tem quatro braços brilhantes; quatro, porque representa seu descenso progressivo para a matéria, e brilhantes, porque não perde sua condição de elemento fundamental; tem vida, para manifestar-se na vida e fazer da vida, sua vida.

As quatro fases do lótus estão representadas no corpo humano pela secreção genital, que é fundamentalmente quádrupla: 1º) A secreção masculina chamada testosterona, que atua na formação sexual, sobre o testículo, etc. 2º) O licor prostático, que é coadjuvante do hormônio masculino. 3º) o elemento ovariano, a foliculina, que é o hormônio feminino por excelência. 4º) A luteína, que influencia no desenvolvimento da gestação.

Estes quatro elementos não estão separados, mas unidos; o hormônio feminino e o masculino coexistem em ambos os sexos em proporções especiais para cada um.

VERSÍCULO 7º

“Aqui vive aquela que é chamada Deusa Dākini; seus braços brilham formosos e seus olhos são vermelhos brilhantes. Ela é resplandecente como o brilho de muitos sóis que saem ao mesmo tempo; Ela é a portadora da revelação da inteligência sempre pura”.

COMENTÁRIO

A DevīDakinī é aquela parte de Chitrinī que responde a vibração do Mūlādhāra. Compreende-se que é assim, porque tem quatro braços; responde a uma vibração material.

Seus olhos tem a cor vermelho brilhante, porque tem paixão, vida.

Sempre Chitrinī tende a unir-se com Ādideva, a ser a portadora da revelação, chegar a seu destino.

Durante o ascenso de Kundalini que vai fazendo vibrar a Chitrinī, localizada na coluna vertebral, a alma é tentada a permanecer nas diversas câmaras ou centros, para desfrutar das diversas ilusões mágicas que ali encontra. Por isso, desde o início o estudante é advertido de que, em qualquer aspecto que se manifeste o éter cósmico este sempre será o portador da pura inteligência.

A CÂMARA SECRETA

Quarta Ensinaça

VERSÍCULO 8º

“Perto da boca do tubo chamado a Vara, no pericarpo do plexo fundamental, brilha lindíssimo e constantemente, o luminoso e suave triângulo, como relâmpago, que é o desejo, conhecido também como o Deus de três formas. Tem sempre e em todas as partes o eflúvio do Deus amoroso, que é de um vermelho mais profundo que a rosa escarlate. Ele é o Senhor dos Seres e resplandece como dez milhões de sóis”.

COMENTÁRIO

Todos os que descreveram o Mūlādhāra-chakra, afirmaram que a Câmara Secreta está no Mūlādhāra mesmo. O texto, ao contrário, diz que a Câmara está fora do Centro Fundamental, e efetivamente é assim. É uma seção do depósito, mas tão próximo e tão unido ao mesmo, como se houvesse um botão na superfície do depósito e este botão fosse a Câmara Secreta.

Por isso diz o versículo que a Câmara Secreta está no pericarpo, ou seja, fora do Plexo Fundamental.

O lugar em forma de triângulo, no qual o éter cósmico está depositado, é chamado em sânscrito Kāma-rūpa, que significa lugar onde nascem as paixões, os desejos e todas as manifestações da vida.

O éter cósmico, depositado na Câmara Secreta, é em sânscrito, Traipura, o Deus de três formas, porque o éter cósmico é mente, energia e matéria.

Dentro da Câmara Secreta se apresenta o éter cósmico envolto em um gás; este gás se chama Vayū-Kandarpa, que quer dizer ar ou eflúvios do Deus do Amor ou Cupido; mas, na realidade, simboliza o Espírito, que é o Divino Amor que sustenta a vida. Se não houvesse Espírito, nada poderia existir. O texto diz claramente que aqui está sendo tratado do Espírito em seu aspecto criador, pois o chama de Senhor dos Seres.

A flor de Kandarpa, que é Bandhujīva, se chama Pentapuelesphoenicea e tem cor vermelha, símbolo do amor.

Mais uma vez, o amor é o princípio e o fim do Caminho.

VERSÍCULO 9º

“Dentro do triângulo está Aquele que reproduz a si mesmo, em sua forma de falo; formoso como o ouro derretido, com sua cabeça para baixo. Ele está revelado por conhecimento e meditação, e tem a forma e a cor de uma folha nova.

Sua formosura encanta como os frescos raios do relâmpago e da lua cheia. O Deus que feliz reside aqui, como a cabeça do falo, tem as formas de um vórtice.”

COMENTÁRIO

O éter cósmico do triângulo, Traipura, é mente, energia e matéria.

Estas três qualidades, substância do Espírito, inseparáveis entre si e divididas claramente uma da outra, são eternas e invariáveis como o próprio Espírito e coexistentes com Ele. Dar a uma superioridade sobre a outra seria negar sua essência única fundamental.

No entanto, no plano físico, dentro do triângulo onde está a substância cósmica do homem, predomina a matéria; ela é a que transforma-se continuamente e toma forma no universo. Por isso, aqui, Aquele que reproduz a si mesmo tem forma de falo material. Reproduz a si mesmo pela alta pureza da matéria em seu estado originário.

No mundo físico é a matéria que se manifesta soberana.

Quando o texto diz “formoso como o ouro derretido”, simboliza o ouro da mente, porque a matéria sempre coexiste com a energia e a mente. Mas sua cabeça está voltada para baixo, aponta para a vibração lenta, a coagulação, o adensamento das formas e aspectos materiais. Ele está revelado pelo conhecimento e meditação, porque a matéria original é da mesma natureza que a mente e a energia, e é fundamentalmente divina, manifestação do Eterno Espírito.

Expressa o versículo: “O Deus que feliz reside aqui, como a cabeça do falo, tem as formas de um vórtice”. A cabeça do falo, coagulação e forma material, é um ponto a partir do qual se regressa ou começa a regressar a outro ponto mais sutil; a partir daí, o impulso é retomado para que aquela forma, plasmada pela matéria, seja vitalizada, ganhe mais vigor e se mentalize.

VERSÍCULO 10º

“Sobre o falo brilha a Deusa adormecida e enroscada, fina como uma fibra de talo de lótus. Ela é a desarranjadora do mundo, cobrindo suavemente a boca ou orifício de passagem entre os órgãos genitais e a espinha dorsal com a própria, sua forma, brilhante como a espiral de uma concha e como a de uma serpente, rodeia três vezes e meia o falo, e seu brilho é o de uma forte labareda de um relâmpago jovem e forte. Seu doce murmúrio é como o confuso zumbido de enxames de abelhas loucas de amor”.

COMENTÁRIO

SwayambhuLinga é o falo cósmico encerrado dentro do Triângulo Sagrado de cada ser humano e é a expressão potencial da força criadora do homem. O texto diz que sobre ele brilha a adormecida Kundalini, que é a substância cósmica em seu aspecto energético.

Dentro de Triapura brilha a substância cósmica em sua forma material, tornando-se densa constantemente até transformar-se no falo que está em seu centro. A substância cósmica-matéria é animada pela substância cósmica-energia e pela substância cósmica-mente.

Ela é a desarranjadora do mundo porque a energia é a que faz brilhar na vida a expressão da mente.

“Cobrindo suavemente a boca ou o orifício de passagem entre os órgãos genitais e a espinha dorsal com a própria...” indica que o movimento da substância cósmica energética é a chave de passagem, o botão que é necessário apertar para acender a luz. Seu movimento deixa passar a substância potencial para que esta possa se transformar em substância ativa e expandir-se para o exterior.

Ela rodeia três vezes e meia a Shiva, o falo, pois seu movimento não somente abre a porta do prazer e da geração humana, mas também dá passagem à energia que regenera as forças vitais, psíquicas, mentais e espirituais.

O Versículo, quando diz: “Seu doce murmúrio é como o confuso zumbido de enxames de abelhas loucas de amor”, simboliza que na adormecida Kundalini está a vida, revelada pelo som.

VERSÍCULO 11º

“A Deusa adormecida produz poesias melodiosas e todos os outros tipos de composições em prosa e em verso, em diversas línguas. É Ela que mantém todos os seres do mundo por meio da inspiração e expiração, e brilha na cavidade da raiz coccígea como uma cadeia de luzes brilhantes”.

COMENTÁRIO

Kundalini dorme; quando desperta é para subir pelos dois caminhos, o de Vajrāy e o de Brahmanadi, para dar os poderes superiores. Mas ainda assim, aparentemente adormecida Kundalini mantém a vida, segundo indica o Versículo ao dizer que produz poesias melodiosas. A estas melodias o texto chama Bandha, porque em sânscrito Bandha significa uma forma literária hindu na qual os versos são postos em forma de diagrama ou quadro.

Produz composições em prosa e em verso em todos os idiomas, porque o amor criador ou gerador é uma dádiva para todos os homens de qualquer país, raça ou categoria. A estas

diversas expressões poéticas o texto os chama Bhedakrama ou Atibhekrama, ou em sânscrito comum, Sanskritas e Prākita.

A força da adormecida Kundalini é a que mantém o alento físico, subindo pelos cordões simpáticos e sustentando o movimento de inspiração e expiração dos pulmões. Ela não se move; irradia desde Mūlādhāra sua vibração.

VERSÍCULO 12º

“Dentro da glande reina a Dominante Senhora, a Rainha das Senhoras, a que desperta o Conhecimento Eterno. Ela é a onipotente Deusa, maravilhosamente destra para criar e é mais sutil que o mais sutil. Ela é o receptáculo da contínua corrente de ambrosia que emana da Felicidade Eterna. Todo o Universo e esta Caldeira estão iluminados por Seu brilho”.

COMENTÁRIO

Parā, a Grande Senhora, a Rainha das Senhoras, é o Éter Cósmico vivificado pelo Espírito Divino. Quando se a considera no aspecto de animar a todos os elementos, chama-se Kalā.

É maravilhosamente destra para criar, porque a raiz do ser vem do Espírito. E é o mais sutil do mais sutil porque é imponderável.

Todo o Universo, Brahmānda, Ovo Cósmico, o Espírito Universal, vivifica a Alma do Cosmos, a Grande Caldeira Katāha, de onde emana a Vida Toda; e esta Caldeira, Alma do Cosmos, brilha com a vivificante Luz de sua própria vida.

Dentro da glande está o Vazio por onde filtra o esperma. Dir-se-ia que dentro da luz da uretra há um conduto ideal muito sutil que está vazio e por onde o esperma, ao atravessá-lo, toma a capacidade e a medida para dar a vida.

VERSÍCULO 13º

“Meditando assim sobre Ela, a Rainha das Deusas, aquela que brilha dentro da Roda Sacra com o brilho de dez milhões de sóis, um homem chega a ser Senhor da Palavra e Rei entre os homens e Adepto em toda classe de conhecimentos. Chega a ser livre de todas as doenças e seu Espírito mais interno se enche de grande alegria. Puro de disposição, por suas palavras profundas e musicais, serve aos principais Deuses”.

COMENTÁRIO

“Senhor da Palavra” está relacionado com a frase evangélica “*Et Verbum carumfactumes*”, o Verbo se fez carne. A voz de ordem do Iniciado, os desejos mentais se materializam instantaneamente e se fazem uma realidade objetiva.

Rei entre os homens é aquele que tem o poder de regenerar-se. Homem é aquele que nasce, vive e morre; mas o Rei entre os homens venceu as fases correntes e se regenera conservando sua força, vida e juventude.

Adepto a toda classe de conhecimentos, refere-se ao poder que tem o Iniciado de adquirir os conhecimentos naturais. O desenvolvimento do Centro Fundamental o põe em contato com o Centro Fundamental Terrestre, que lhe dá uma vibração característica que lhe permite saber como são as correntes naturais e a que Lei física respondem.

“Chega a ser livre de todas as doenças”. O ser é um conjunto de forças. Quando as forças astrais harmonizam com as forças materiais, dão como resultado o corpo físico. Mas estas vibrações superiores do ser tendem a desarmonizar com as inferiores quando acabam as energias daquela onda vibratória que foram emitidas com esse determinado fim; daí as enfermidades. Mas aquele que domina o Elemento Fundamental terrestre, sabe manter a harmonia da vida superior e a inferior, e elimina as doenças.

Quando a harmonia entre a mente e a matéria é perfeita, o espírito participa deste gozo; por isso diz o texto que “o Espírito goza de grande alegria”.

Os principais Devas são Brahma, Vishnū e Shiva: mente, energia e matéria, ou melhor, harmonia.

SVĀDHISHTHĀNA

Quinta Ensinaça



SVĀDHISHTHĀNA

Quinta Ensinança

VERSÍCULO 14º

“Existe outra Roda situada dentro da espinha dorsal, na raiz dos genitais, de uma linda cor vermelho vivo. Em suas pétalas estão as Letras Sagradas com o Sinal superposto da brilhante cor do relâmpago”.

COMENTÁRIO

O SahtchakraNirupana localiza o Svādhishthāna na raiz da espinha dorsal, entre o ânus e os órgãos genitais; os ocidentais, por outro lado, o localizam no baço e lhe atribuem o poder de assimilação e distribuição dos raios solares no organismo humano. Alguns hindus consideram esta roda suplementar da Roda Sacra quanto a seus efeitos.

Mais precisamente, a Roda Controle tem sua localização no corpo físico acima dos órgãos genitais, na região púbica e de lá partem filamentos que sobem como ramo bifurcado ao baço e ao fígado, para depois unir-se no plexo esplênico e manifestar-se no astral como uma roda de cores cambiantes.

O texto diz que tem uma bela cor vermelhão, porque assim é a cor astral desta roda quando está em repouso. Tem seis pétalas e sobre cada uma delas está escrito o Purandara, que são as letras características desta roda. As letras são as seguintes: Ba e Bha, Ma e Ya, Ra e La. O Bindu ou Sinal Sagrado ou ponto que está sobre cada uma das letras do Purandara, simboliza a afirmação divina destas letras; quer dizer que através dos séculos, os sábios e ascetas que as pronunciaram corretamente, lograram realizar com elas os poderes deste centro e lhes atribuíram uma origem divina por sua extraordinária eficácia.

VERSÍCULO 15º

“Dentro desta Roda está a branca, brilhante, aquosa região do Deus do Elemento Água com a forma de meia lua; ali dentro, sentado sobre um crocodilo sagrado, está o Símbolo da água sem mancha e branca como a lua de outono”.

COMENTÁRIO

Varuna, o Deus da Água, vigia esta roda porque neste centro a parte essencial é a água, toda líquida. Está limitada por dois quartos da lua, formando uma meia lua. Esta região deve permanecer hermeticamente fechada e vigiada, para que as forças humanas não se expandam e para que as forças superiores somente cheguem à primeira zona pela irradiação.

Sobre o crocodilo ou Makara, que está situado na parte inferior da meia lua, como se fosse um guardião que quer impedir a passagem das forças inferiores ao plano superior que não

pertence à humanidade, está a semente da letra V, Vam, sinônimo de Apas, água. Em sânscrito se diz Bijā-vam, semente do elemento água.

É sem mancha e branca como a lua do outono, porque o elemento água, símbolo da força cósmica, é de uma pureza imaculada ou potencial.

Lua de outono significa que não só está ali o controle de todas as forças, mas também o controle das influências do passado do ser, já que a lua e o outono são imagem do passado ou do destino ancestral do ser.

VERSÍCULO 16º

“Oh Deus que dissipas o temor; Tu que moras na Roda Controle; Tu que és o orgulho da juventude precoce; Tu, cujo corpo azul luminoso é lindo de contemplar; Tu que vestes com adornos amarelos e tens quatro braços e tens dois trajes, o corporal e o divino! Protege-nos!!!”.

COMENTÁRIO

O Deus que dissipa o temor e mora na Roda Controle, é Vishnū, em sua forma característica de MayHari.

Neste versículo o autor do SahtchakraNirupana usa uma sintaxe diferente de todas as demais. Expõe o versículo como se fosse uma oração ou uma invocação para dar a entender que o conhecimento e uso desta roda são de extremo cuidado e circunspeção. Unicamente pode usar devidamente este centro aquele que se identificou com o Deus MayHari e tem sua proteção; aquele que venceu o medo.

MayHari é o orgulho da juventude precoce porque a coragem é a virtude dos jovens e eles admiram sobremaneira o valente.

Seu corpo é azul luminoso como o céu, como o infinito, porque esta roda reflete em si todo o Cosmos, toda a força do Universo. Mas essa pele azulada, imagem do Cosmos dominado, tem traje amarelo; o discípulo tem que possuir o arrojo do jovem valente e a prudência da sabedoria do ancião, simbolizado pelo traje amarelo. O mesmo indicam os quatro braços, que são como os quatro pontos cardiais, como uma alavanca, para usar devidamente as forças universais e controlá-las.

O Deus tem além dos enfeites amarelos o Shrī Vasta, traje corporal, e o Kaustubha, traje divino. Nem uma pessoa muito materialista, nem uma muito espiritual podem dominar este centro, somente aquele que sabe harmonizar o material e o divino; fazer da matéria mente e da mente matéria.

VERSÍCULO 17º

“É dentro desta Roda onde sempre mora a Deusa Rākini. Ela é da cor do lótus azul; a beleza de seu corpo está realçada por seus braços que levam várias armas. Veste enfeites e adornos celestiais e, bebendo ambrosia, exalta sua mente”.

COMENTÁRIO

Rākini, a Deusa do lótus, é imagem do Eterno Feminino, vencedor dos poderes inferiores. É a Virgem coroada de estrelas, envolta no manto azul, que pisa a cabeça da serpente. Seus braços, que são armas, demonstram o poder e a força que tem para controlar e dominar os diversos elementos.

Os adornos celestiais indicam que, para lograr o controle e vencer o medo, são indispensáveis uma reta intenção e uma mente sempre posta no Eterno.

Esta Deusa até pode beber ambrosia; todos os desejos e prazeres proibidos podem aproximar-se dEla, porque Ela sabe, e da mesma maneira o discípulo que dominou este centro, transformar todas as coisas em substância primordial e de tudo retirar elemento para exaltar sua mente.

Dizem os textos antigos que aquele que se concentra intensamente sobre este lótus transforma a cor de sua pele, que pode ficar de cor azulada. Isto foi comprovado pela ciência moderna, pois este centro atua sobre as glândulas suprarrenais, que segregam corticosterona, um elemento que rege a pigmentação da pele e o vigor nervoso. A superabundância da secreção produz uma cor azulada, enquanto que a falta da mesma confere uma cor bronzada à pele e mucosas, tal como ocorre na enfermidade de Addison.

Pode-se supor, então, que toda enfermidade das suprarrenais é devida a transtornos nervosos; o medo, por exemplo, que é inimigo deste centro, é o causador de todas estas doenças.

Quando a Roda Controle está fortemente e bem dominada, o ser sai à vontade através dela pelo mundo astral, como também o faz durante as horas de sono. Por ela penetram no ser todas as forças cósmicas e os poderes construtivos e destrutivos; por ali se eliminam durante as horas de sono os elementos superabundantes ou negativos. É o controle de todo sistema do homem; mantém a harmonia entre o físico e o astral e seu poder é de contração, como um diafragma.

É este o centro do domínio pessoal; através dele o ser se fecha em si mesmo ou se abre para a vida.

VERSÍCULO 18º

“Aquele que medita sobre a imaculada Roda Controle, é liberado imediatamente de todos seus inimigos, tal como a falta das formas de paixão, e assim sucessivamente. Chega a ser um Senhor entre os ascetas e é como o sol iluminando a espessa escuridão da ignorância. Flui, em prosa e em verso, em discursos bem fundamentados e a riqueza de sua palavra é como néctar”.

COMENTÁRIO

O valente não tem inimigos externos; mas aquele que medita sobre este centro corretamente, sabe que estes inimigos não são somente externos, senão também e principalmente internos.

O texto diz que os principais inimigos internos que vence, são o Ahamkāra, que são as seis formas que atam o homem às misérias terrestres e o impedem de realizar a vida divina. Elas são: egoísmo, individualismo, personalidade, egocentrismo e princípio-consciência-vontade.

MANIPURA

Sexta Ensino



MANIPURA

Sexta Ensinança

VERSÍCULO 19º

“Acima da Roda Controle, na raiz do umbigo, está a brilhante Roda de Dez Pétalas, da cor de nuvens carregadas. Dentro dela, a Roda Solar, estão as letras de Da a Pha da cor do lótus azul, com o ponto e sinal do som sobre elas. Meditai ali sobre a região do Fogo, de forma triangular e brilhante como o sol nascente. Fora da região do fogo estão as três marcas da cruz em movimento, da expansão, do fogo e da boa saúde, e dentro da região do Fogo está a mesma semente do calor”.

COMENTÁRIO

Esta roda, que nasce na raiz do umbigo é a que corresponde ao plexo solar.

Este lótus tem dez pétalas, um número perfeito, porque é uma imagem da Roda Coronária, de mil pétalas; um pequeno cérebro em miniatura.

Sua cor é de nuvens carregadas, porque o poder torna imprudente, irado e dominante.

As letras que estão estampadas sobre as pétalas do lótus são da cor do lótus azul, cor do céu, porque com o domínio e esforço voluntário, aquele que sabe usar o poder, transforma a arrogância em prudência, a raiva em fortaleza e o domínio despótico em um reinado pacífico. O ponto e sinal do som, Nāda e Bindu, afirmam o poder consagrado de cada uma das letras.

As sílabas de vocalização que adornam as pétalas de Manipura, que é o nome deste lótus, são; Da e Dha, Na e Ta, Tha e Da, Dha e Na, Pa e Pha.

A região do Fogo é triangular, da cor vermelho brilhante e, sobre cada um dos vértices, leva uma maça que no conjunto forma o sinal da suástica, imagem da força em movimento. Este triângulo oscila segundo o movimento do poder expressado.

Nesta roda luminescente vão a luz e o calor, as variantes formas, a expressão múltipla das coisas criadas e a imagem do Fogo, o divino Agni, com seu filho Rudra nos braços. Rudra é aquele que tudo destrói, para que a natureza e as formas sejam renovadas continuamente.

VERSÍCULO 20º

“Meditai sobre Ele, o Deus do Fogo, sentado sobre um carneiro, com quatro braços e radiante como o sol nascente. Em seu regaço, que é de cor vermelhão puro, o deus da destruição mora sempre. O Deus da destruição é branco devido às cinzas que O cobrem, com aspecto velho e com três olhos. Suas mãos estão em atitude daquele que outorga favores e dissipa o medo. Ele é o destruidor da criação”.

COMENTÁRIO

O texto transforma aqui o centro do Fogo em um Deus de cor vermelhão que está sentado sobre um carneiro. Em seu regaço está sentado Rudra que é o Deus Siva em seu aspecto destruidor. Rudra é branco, cor cinza, porque este Deus, quando não tem o que destruir, destrói a si mesmo. Do Fogo, da força e de seu regaço sai todo poder; mas o poder, se não se transmuta, torna-se destruidor.

As palavras “com aspecto velho” têm um profundo significado, pois indicam que a destruição é tão eterna e tão antiga como a própria criação.

Os três olhos são o poder da hierarquia, concentração e vidência que não somente o místico bom e santo possui, mas também o mau, o mago negro e o destruidor.

VERSÍCULO 21º

“Aqui mora a Deusa Lākīni, benfeitora de tudo. Tem quatro braços e corpo radiante, de tez morena, vestida com trajes amarelos, ornada de diversos adornos e exaltada com o de beber ambrosia. Meditando sobre esta Roda do umbigo adquire-se o poder de criar e destruir. O Elemento do Fogo, com toda a riqueza do conhecimento, sempre mora na roda de sua configuração”.

COMENTÁRIO

Lākīni, o aspecto feminino deste centro, a Deusa da tez morena e adornos amarelos, é, logicamente, de corpo radiante porque o variável poder humano tem também a beleza do divino, ainda que em seu aspecto destruidor.

Diz o Cantar dos Cantares: “*Nigra sum, sed Formosa, filiae Jerusalem, ideo delexit me rex*”. Ainda que negra, sou formosa, oh filhas de Jerusalém, depois que o Sol me olhou.

Lākīni é benfeitora de todos os homens, pois por este centro o homem cresce e se faz forte, anela, luta e conquista; e por este centro decresce a vontade e a força.

Quando cria e constrói, este seu poder brilha e emana dos olhos; quando decresce e destrói, é eliminado pelo ânus; quando se assenta e concentra para tomar novas forças, o faz nos cotovelos.

Com este centro bem desenvolvido, os profetas trazem os discípulos para segui-los e os dirigentes arrastam as multidões. É como uma labareda de fogo que, saindo de um só homem, queima a tudo que o rodeia.

Este poder cria ou destrói.

As três rodas descritas, Mūlādhāra, Svādhishtāna e Manipura correspondem no homem aos corpos mais densos, e no plano cósmico, aos mundos físico, astral e energético.

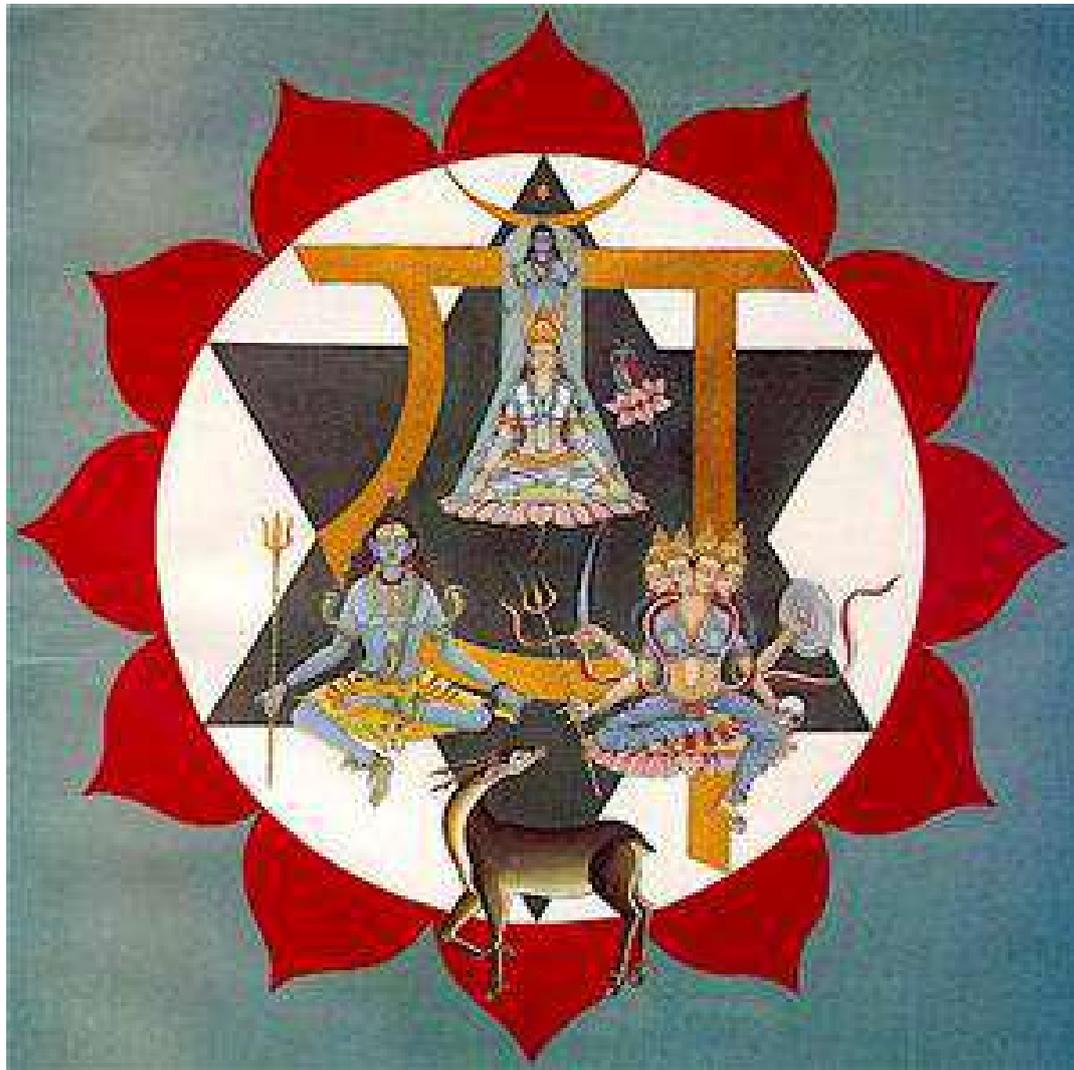
O plano cósmico físico abarca um pouco mais além do espectro astral da Terra e se estende até 80 km, aproximadamente, da superfície terrestre.

O plano cósmico astral se estende até a fotosfera do sol.

O plano cósmico energético abarca toda a magnitude do sistema solar visível.

ANĀHATA

Sétima Ensinaça



ANĀHATA

Sétima Ensino

“Sobre a Roda Solar, no coração, está o lótus encantador da brilhante cor da flor de Pentapoelesphoenicea, com as letras começando com Ka, de cor vermelhão, colocadas dentro. São conhecidas pelo seu nome de Anāhata e é como a árvore do desejo celestial e outorga ainda mais que o desejo. Aqui está a região do Ar, formosa, com seis pontas e da cor da fumaça”.

COMENTÁRIO

O lótus do coração se chama Anāhata e o texto hindu o compara, por sua beleza, à flor de Bandhūka.

As doze letras que estão estampadas sobre suas pétalas, são as seguintes:

| | | |
|------|-----|-----|
| Ka | Kha | Ga |
| Gha | Vga | Cha |
| Ahha | Gu | Ghu |
| Vya | Ta | Tha |

A árvore que amplamente outorga àquele que lhe pede ainda mais do que lhe pede, é imagem do amor que se doa sem restrições. A árvore celestial significa a árvore que está no Éden, que simboliza a árvore da vida, do bem e do mal.

Neste centro está a região de Vāyu, Bijā-Pam, encerrada em um hexágono que tem cor de Fumaça.

VERSÍCULO 23º

“Meditai, dentro da região do Ar, sobre a doce e excelente semente do Ar, cinza, como uma massa de fumaça, o Deus com quatro braços e montado sobre um antílope negro. E Nele também meditai sobre a Morada de Misericórdia e sobre o Senhor Imaculado, que é brilhante como o sol e cujas mãos fazem os gestos daquele que dispensa favores e dissipa os temores dos três mundos”.

COMENTÁRIO

Neste versículo está descrito o mistério do amor admirável da Divina Encarnação.

Pavana-Bijā, semente do Ar, é materializada em imagem de um Deus que monta sobre um antílope preto.

O homem é cruel e de ferozes instintos por natureza, por ter nascido de homem e do prazer carnal. A semente de Ares, da vida material, da fumaça que obscurece a visão divina, está nele. Mas esta semente humana, pecado de Adão, pode ser transmutada pela vontade e por graça em uma força divina, livre do pecado original. O homem pode transformar-se em um ser manso e bom, pode trocar sua natureza de humana em divina.

O manso antílope, ou o cordeiro e a hóstia dos textos cristãos, são imagens do homem redimido. Mas esta redenção há de ter um Modelo Perfeito. O homem com um só esforço não pode redimir-se; é necessário, para isto, a graça, e a graça é proporcionada pelo protótipo humano-divino; o Cristo, a Divina Encarnação, o Deus feito homem, o ser livre de causa e efeito.

A semente do Ar fumegante e escura pode não ser elevada nem vivificada pelo prazer carnal, senão também pelo puro sentimento da Misericórdia e da Compaixão. O Deus feito homem se faz como tal por esta força dinâmica, mas não é fruto do prazer; seu corpo físico se gesta na Morada da Misericórdia. Sua vida se manifesta pelo esforço da suprema vontade e amor.

Pavana-Bijā é animada desde cima e não se mancha no descenso. O Divino Ser que encarnará imaculado do pecado original será a Divina Encarnação, o Senhor Imaculado, o redentor dos homens, não somente de suas carnes, mas também de suas mentes e suas almas.

A semente do Ar é também uma forma do Éter Cósmico, levada, por si só, à Morada de Misericórdia, a Matriz Virgem de ouro mental da Divina Mãe, de onde surge, como por encanto, o Senhor Imaculado, Aquele que não teve pai nem prazer em seu nascimento, que brilha como o sol porque sua natureza é divina e solar, e que dissipa o medo nos três mundos, porque está fora da roda da vida; está sobre a matéria, a energia e a mente.

VERSÍCULO 24º

“Aqui mora Kākinī, cuja cor é amarela como relâmpago novo, alegre e auspiciosa. Tem três olhos e é benfeitora de todos. Ela leva todo tipo de adornos e em suas quatro mãos leva o nó correição e a caveira, e faz o sinal da benção e o sinal que dissipa o medo. Seu coração está suavizado porque bebe néctar”.

COMENTÁRIO

A deusa simboliza, com seus três olhos e a cor, sua cor amarela, que o poder do coração cria, conserva e destrói; é mental, astral e físico.

VERSÍCULO 25º

“A força Potencial, cujo corpo terno é como dez milhões de raios de relâmpagos, está no pericarpo deste centro em forma de triângulo. Dentro do triângulo está o falo conhecido com

o nome de Vāna. Este falo é como ouro brilhante e em sua cabeça há um orifício diminuto, como uma gema. Ele é a resplandecente Morada da Mãe”.

COMENTÁRIO

O Shakti, a força potencial, é imagem da Divina Mãe. Para demonstrar que é um aspecto do Espírito Universal, é representada como um terno corpo, assim como podia ser representada como a imagem de uma mulher adormecida.

Ela está no triângulo chamado Trikona, porque é a essência do Grande Triângulo Divino. Mas o Espírito Universal é manifestação, é vida; por isso, dentro do triângulo, está o Shivalinga, chamado Vāna, imagem da procriação mental. Este é o falo de ouro; o versículo o explica dizendo que este linga é como de ouro brilhante.

O Shakti encerrado no triângulo sagrado é o Espírito Universal, Alma do Cosmos e Vida. Shakti, Trikona e Vāna são os três aspectos. Mas na ponta do falo está a resplandecente Morada da Mãe, que é Espírito em Si, chamada pelos hindus, Lakahmī.

Lakahmī é como uma Vênus indiana, nascida do oceano de leite dos Deuses e Mãe de Kama. Kama é Deus do Amor e da Vida.

Dentro da glândula do falo de ouro está o Vazio, a Morada de Lakahmī, por onde filtra o esperma-mente.

No espectro astral, debaixo da Grande Roda do Coração, vê-se mover outra Pequena Roda.

VERSÍCULO 26º

“Quem medite sobre este Centro do Coração, chega a ser Senhor da Palavra e, como o Criador, é capaz de proteger e destruir os mundos. Este lótus é como a árvore do desejo celestial e é a Morada e Sede de Deus. Está embelezada pela Ave-Espírito, que é como a firme chama de uma lâmpada em um lugar onde não sopra vento. Encantam os filamentos que rodeiam e adornam seu periclarpo, iluminado pela região solar”.

COMENTÁRIO

Ao dizer Senhor da Palavra é como se dissesse Vivificador do Verbo. Aquele que pelo dom do Amor pode dar vida aos seres e as coisas.

É como Isvara, o Criador, que pode proteger e destruir os mundos. Já não é Rudra, aquele que, cegado pelo poder, destrói ou cria por paixão; é o Iniciado que, livre de todo desejo, sabe quando premiar e quando castigar. Pode fazê-lo, porque segue a senda do amor, a Senda Real.

Este Lótus é comparado à árvore do desejo celestial, Sura-Taru, sob a qual está o trono cobijado de Sharva. Sharva é o Maha Deva Shiva, é o Filho de Deus, da Divina Encarnação. Aquele que dá os frutos da árvore do Amor.

Anāhata, a árvore do desejo celestial, a árvore do Éden, que outorga ainda mais do que se deseja, dá a vida, a limitação, o prazer, o sofrimento e a morte. Mas este outro aspecto de Anata, com sua árvore Sura-Taru, à sombra de Hamsa, o Divino Espírito, da serenidade, a paz, o amor sem esperança. A visão beatífica da Eternidade.

O primeiro, filho de Adão, é árvore-vida; esta é árvore-espírito do Filho de Deus.

Como a alma já não tem desejos, tendendo à não manifestação, vive na Eternidade. A alma livre é embelezada pelo Hamsa, que é a ave-imagem do Espírito Eterno. “É como a chama firme de uma lâmpada em lugar onde não sopra vento”, quer dizer que a alma logrou a perfeita paz e serenidade.

VERSÍCULO 27º

“Aquele que medite sobre este lótus do coração chega a ser principal entre os ascetas e é sempre mais amado que o mais amado pelas mulheres. Ele é preeminentemente sábio e cheio de nobres obras. Domina completamente seus sentidos. Sua mente, em sua intensa concentração, está robustecida pelos pensamentos de Deus. Sua palavra inspirada flui como uma corrente de água cristalina. Ele é como o Iniciado que é o Amado da Mãe e pode, por sua vontade, penetrar no corpo de outro”.

VISHUDDA

Oitava Ensinaça



VISHUDDA

Oitava Ensinança

VERSÍCULO 28º

“Na garganta está a Roda chamada Vishudda, que é pura da cor púrpura defumada. As dezesseis vogais sobre suas dezesseis pétalas, cor encarnada, são claramente visíveis para Ele, cuja mente está iluminada. No pericarpo deste lótus está a Região Etérea, de forma circular e branca como a lua cheia. Sobre um elefante branco como a neve, está sentada a Divina Semente do Verbo”.

COMENTÁRIO

As modulações da vibração estão representadas pelas dezesseis vogais escritas sobre as dezesseis pétalas. As sílabas são as seguintes:

| | |
|----|----|
| a | ā |
| i | ī |
| u | ū |
| ri | rī |
| bu | bū |
| e | ai |
| o | au |
| am | ah |

A força vibratória em seu estado ativo está encerrada na Região Etérea, de forma circular e da cor branca, como a lua cheia, que os hindus chamam Vritta-rūpa.

O elemento desta roda é o éter o Bijā de Ambara. Também é chamado Bijā-Ham Manu Mantra, que quer dizer, Semente da palavra Divina de Deus ou Semente do Verbo; em uma palavra, uma vibração feita forma instantaneamente.

A Semente do Verbo, o Deus do elemento etéreo, está sentada sobre um elefante branco como a neve, com a tromba elevada, como descrevendo a união íntima que existe entre a mente e a energia, o homem e Deus, a força criadora e a criada.

Este centro também é chamado de A Voz de Deus, o Verbo, o Nome Inefável.

VERSÍCULO 29º

“De seus quatro braços, dois fazem o laço corrediço e o agulhão, e os outros dois fazem os gestos de quem outorga favores e dissipa o medo. Acrescentam a sua beleza. Em seu regaço mora sempre o Grande Deva, branco como a neve, com três olhos e cinco faces, com dez formosos braços, vestido com uma pele de tigre. Seu corpo está unido ao corpo do Deus do Himalaia e Ele é conhecido pelo significado do nome Dele: o movimento Contínuo de Deus”.

COMENTÁRIO

A explicação dos quatro braços é a seguinte:

Aquele que faz o laço corrediço dá ideia que, quando a vibração tem que dar uma forma, deve circunscrever-se cada vez mais ao redor do núcleo.

Aquele do aguilhão representa a luta que se estabelece entre uma grande onda e uma onda pequena, pela qual se impede que uma vibração se transforme em outra.

Aquele que outorga favores é a vibração que, quando carregou de energia uma forma determinada, volta a seu primitivo estado.

Aquele que dissipa o medo significa que se desfaz da vibração ou onda inferior que utilizou para sua obra.

“Acrescenta a sua beleza”: a beleza do trabalho universal está no contínuo devenir e transformação de cima para baixo e de baixo para cima.

“Em seu regaço mora sempre o Grande Deva, branco como a neve”; O Grande Deva é a energia cósmica, o pai de toda energia universal, que mora no regaço da energia cósmica potencial.

“Tem três olhos”, porque é ao mesmo tempo mente, energia e matéria.

“E cinco rostos”: Todas as rodas enunciadas até agora têm sua origem nele, o Vishudda: o Mūlādhāra, o Svādhishtāna, o Manipura, o Anāhata.

“Tem dez formosos braços” porque é o integral da manifestação e é a manifestação energética em sua totalidade.

Está vestido com uma pele de tigre para dar a imagem de sua excelência entre os Deuses, pois a pele do tigre somente era concedida aos altos Iniciados.

Seu corpo está unido a Girijā, o Deus do Himalaia, quer dizer que a energia cósmica está estreitamente unida à mente cósmica; e este conjunto significa, resumidamente, o poder da divina Manifestação, A União de Deus como mente e de Deus como energia, Sadā-Shiva.

Sadā-Shiva quer dizer O Movimento Contínuo de Deus. É imagem também de Bohas e Jakin. Nas figuras que descrevem a Sadā-Shiva e a ShaktiShakinī, a imagem está dividida em duas cores: uma metade, que corresponde à metade do corpo e a duas cabeças e meia, é branca, branquíssima, e a outra metade é dourada, sempre para simbolizar o fluxo e o refluxo cósmico.

VERSÍCULO 30º

“Mais pura que o Oceano de Néctar é a Deusa Shakinī, que mora neste lótus. Seu traje é amarelo e em suas quatro mãos de lótus estão o arco, a flecha, o nó corrediço e a espora. A região inteira da lua sem a marca da lebre está no pericarpo deste lótus. Esta região é o portão da Grande Liberação para aquele que deseje a riqueza do Ascetismo e cujos sentidos sejam puros e dominados”.

COMENTÁRIO

Shakanī é o aspecto feminino de Sadā-Shiva, mas a Deusa representa também uma vibração que já é mais lenta. Por isso carrega o arco e a flecha; circunscreve ainda mais o circuito da vibração.

A Lua, durante sua vida, tem uma vibração atmosférica permanente, diferente da terra. O homem, descendente da ronda lunar, leva em si esta vibração, em estado potencial, em sua Roda Vishudda, imagem do poder. A lebre é o homem da Lua. O homem, como já transcendeu este estado, não tem a marca; tem o poder potencial, a essência da experiência da ronda lunar na vibração da Roda Vishudda.

O poder desta Roda pode ser utilizado para muitas coisas e muitos resultados objetivos; mas para aquele que deseje a riqueza da yoga, para aquele que queira um resultado verdadeiro, subjetivo, místico, Este é o portão da Grande Liberação; é o prelúdio da União Mística com Deus.

VERSÍCULO 31º

“Aquele que obteve o conhecimento completo do Espírito pela constante concentração de sua mente sobre este lótus, chega a ser um Grande Sábio, eloquente e sábio, e goza de ininterrupta paz mental. Vê os três períodos, chega a ser o benfeitor de todos, livre de doença e pesar, e longo; e, como a Ave-Espírito, é destruidor dos perigos sem fim. Quem constantemente fixa sua mente neste lótus, controlando sua respiração pela Retenção, é, quando irado, capaz de mover os três mundos. Nenhum Deus é capaz de dominar seu poder, nem resistir-lhe”.

COMENTÁRIO

Este centro quando desenvolvido permite ver os três períodos e vivenciar no presente àquele que conhece perfeitamente o passado e o futuro; dá o domínio sobre os três mundos, mental, energético e físico; sabe como transformar esses três poderes, pela vibração, de um estado a outro e maneja o raio da morte, que o texto explica dizendo que, “quando irado, é capaz de mover os três mundos”.

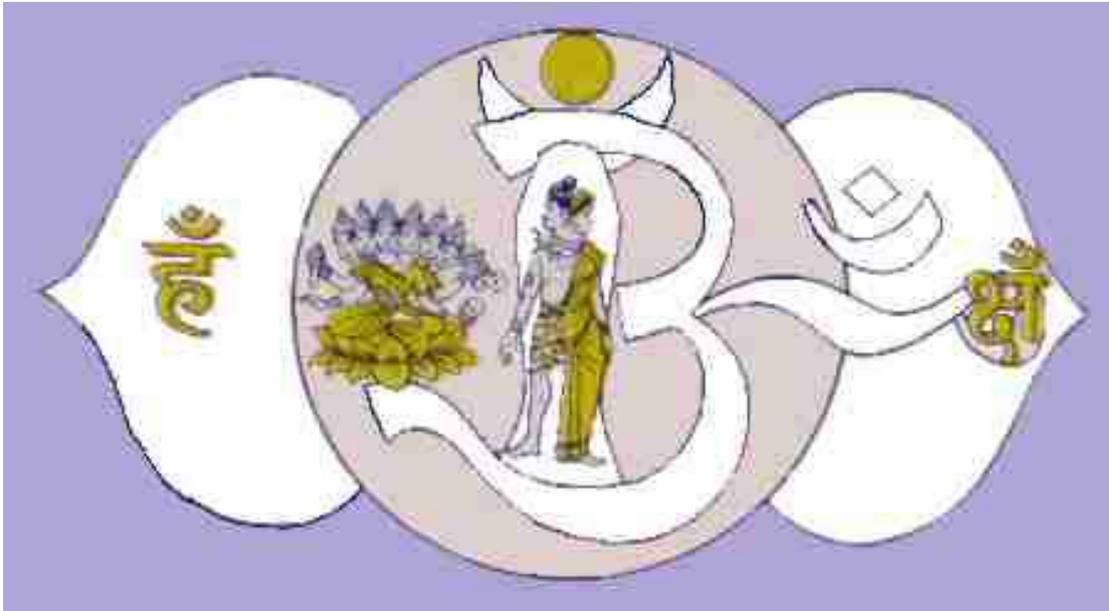
Acrescenta que nem Brahma, nem Vishnú, nem Hari-Hara, que é a união de Vishnú com Shiva, nem Sūrya, Deus do Sol, nem Ganapa, Deus de cabeça de elefante, podem detê-lo.

Os pesquisadores e os praticantes de exercícios nem sempre alcançam possuir completamente este poder e ainda aqueles que o possuem, sempre evitam os exercícios superiores, para conformar-se com os exercícios menores e benéficos.

Não podemos esquecer, que a vibração inteira tende a voltar a seu ponto de partida, ao estado potencial, enquanto que a vibração limitada apenas constrói uma vibração similar.

ĀJNĀ

Nona Ensino



ĀJNĀ

Nona Ensinança

VERSÍCULO 32º

O lótus chamado Ājnā é, como a lua, formosamente branca. Em suas pétalas estão às letras Ha e Ksha, também brancas e que realçam sua beleza. Brilha com a glória da contemplação. Dentro do lótus está a Deusa Hākinī, cujas seis faces são como outras tantas luas. Ela tem seis braços, em um dos quais Ela segura um livro; outros dois estão em atitude de conceder favores e dissipar o medo; e com os demais Ela segura a caveira, um tamborzinho e um rosário. Sua mente é pura”.

COMENTÁRIO

A cor branca deste lótus leva a pensar que a mente, em sua forma originária, é puríssima, Suddha-Chitta. O ouro guardado nas águas do Reno é custodiado com muito cuidado por seu guardião, porque está escrito que, se alguém o tocar, perderia seu brilho e se transformaria em uma maldição para seus profanadores. Assim é a mente, pura em sua origem, mas como meio da experiência do homem, é seu verdugo e tirano.

O texto, também representa ShaktiHākinī com seis cabeças e seis braços, porque todos os aspectos do poder de Kundalini, dos outros centros, estão unidos neste.

Esta Roda tem duas grandes radiações, que correspondem, simbolicamente às letras sagradas Ha e Ksha. Estas duas radiações são o resultado das correntes de pares de opostos, ação e reação, que é a força sobre a qual se baseia toda ação mental.

A Deusa Hākinī em uma mão carrega um livro fechado, imagem da sabedoria eterna do universo potencial.

Na outra mão tem um tamborzinho, imagem do poder manifesto da vibração criadora.

Outras duas mãos estão estendidas como se dispensassem favores e dissipassem o medo, imagem do saber humano e divino.

Em outra mão carrega um rosário, imagem do amor e do sacrifício.

Na última mão leva uma caveira, imagem da destruição e da morte.

VERSÍCULO 33º

“Dentro deste lótus mora a mente sutil. É bem conhecida. Dentro da matriz, no pericarpo, está o Deus em sua forma fálica. Aqui Ele brilha como uma cadeia de relâmpagos. A Primeira Semente dos Vedas, que é a morada da mais excelente deusa que por seu brilho faz

visível o Canal de Deus, também está ali. O sábio, com mente firme, deve meditar sobre isto, de acordo com a ordem prescrita”.

COMENTÁRIO

A mente sutil é Manas.

A matriz é o Jony Sagrado que em união com o Shiva Itara, falo de Shiva, formam o aspecto dual da mente. Toda onda mental, toda partícula mental que deve ser usada, deve ser o resultado da vontade do ser em ação e de um esforço.

A Primeira Semente dos Vedas ou Bijã de Om, é imagem da manifestação divina no homem: “Deus fez o homem a sua imagem e semelhança”.

O Sādhaka, o sábio prático e útil, tem que meditar segundo a ordem prescrita e desenvolver todos os centros para chegar a realização de Ājnā.

VERSÍCULO 34º

“O excelente sábio, cujo espírito não é senão uma meditação sobre este lótus, pode, à sua vontade, entrar rapidamente no corpo de outrem e tornar-se o mais excelente entre os santos, onisciente e onividente. Ele se torna benfeitor de todos e versado em todos os ensinamentos sagrados; realiza sua união com Deus e adquire poderes excelentes e desconhecidos. Famoso e longevo, sempre é criador, conservador e destruidor dos três mundos”.

COMENTÁRIO

Este Versículo explica os poderes que adquire o Sādhaka quando logra o domínio da Roda Visual. Adquire o poder da onisciência e onividência, o que significa que tem os dons de discernimento, telepatia, intuição e clarividência.

Ao dizer que está versado em todos os ensinamentos, em todos os Shastras, indica que estes poderes não os adquire de uma vez, mas paulatinamente, de acordo com os exercícios que faz.

Os diferentes poderes de clarividência correspondem a diferentes partes da glândula hipófise: a visão do terceiro olho está localizada no lóbulo posterior; a concentração do olho direito corresponde ao lóbulo intermediário e a do olho esquerdo, ao lóbulo anterior.

VERSÍCULO 35º

“Dentro do triângulo, nesta Roda, mora sempre a combinação de letras que forma o Nome Inefável. É o Espírito mais interno como mente pura e se parece, pela sua radiação, a uma chama. Sobre ele está a meia lua crescente e acima dele está o Dragão brilhando em sua

forma de Ponto. Acima deste está a Voz Insonora cuja brancura se iguala a da Força Divina e difunde os raios da Lua”.

COMENTÁRIO

Este chakra é símbolo da mente.

Detrás do triângulo, mente, está Deus, está a voz de Deus, Pranava, que é o Nome Inefável formado pelas sagradas palavras Aum, On e Vash. Isto é Espírito envolto na mente, em Buddhi, mente pura.

Sobre o triângulo está o sinal da meia lua crescente; será dado ao discípulo não somente o domínio dos diversos mundos e planos, mas também o domínio da Porta que leva ao Eterno.

Mahara, O Dragão, está ainda aqui custodiando a entrada, mas em forma de um Ponto, Bindhu, que se representa pela letra M. Sobre ele, mais além, já não existe o medo; somente está Nāda, a Voz Insonora, que é a mesma Força de Deus, a mesma Força Balarāma. Força de Rama.

A mente já não enfoca os mundos subjetivos, senão nos leva à liberação

VERSÍCULO 36º

“Quando o asceta fecha a casa que pende sem sustentação, o conhecimento que ganhou dali com a ajuda do Excelso Mestre, e quando o entendimento, por praticar repetidamente, se dissolve neste lugar que é a morada da felicidade ininterrupta, vê, então chispas de fogo brilhando com nitidez no meio e no espaço acima do triângulo”.

COMENTÁRIO

A casa do Yogui são as potencias da alma. Quando ela pende sem sustentação, Nirā lamba puri, é que as potencias se separaram pelo êxtase hipostático dos princípios superiores do ser. Os sentidos permanecem insensíveis e o ser se apoia unicamente sobre si mesmo. A este alto estado se chega depois de longos exercícios e de ter recebido um dos últimos ensinamentos do Parama Guru.

Depois de ter desfeito todos os Chetas, vórtices mentais, somente então vê chispas de fogo, que são imagens do Espírito; tem vislumbres do Espírito.

VERSÍCULO 37º

“Ele, então vê a luz que está em forma de lâmpada chamejante. É brilhante como o sol da manhã e brilha entre o céu e a terra. É aqui onde se manifesta o Mestre em toda totalidade

de seu poder; ele não conhece a decadência e está aqui como Ele está na região do Fogo, Lua e Sol”.

COMENTÁRIO

A medida que aumenta o estado de êxtase, o asceta vê cada vez mais nitidamente o Espírito, mas não totalmente, porque a Luz está na forma da lâmpada; quer dizer que vê uma parte do Espírito, Não o Todo. Isto se confirma quando o texto diz que esta Luz do Espírito brilha entre a terra e o céu, ou seja, sua visão está condicionada às possibilidades do homem.

O asceta que logrou este êxtase, é chamado Senhor, Bhagavān, e Ele é na terra uma pequena imagem da Divina Encarnação, Aquele que vive na região do Fogo, Lua e Sol.

VERSÍCULO 38º

“Esta é a incomparável e deliciosa morada de Vishnu. O excelente asceta, no momento da morte, em gozo coloca aqui seu hálito vital e entra, depois da morte, nesse Supremo, Eterno, Sem Nascimento, Primeiro Deus, Espírito Eterno, que foi antes dos três mundos e é conhecido pelas Escrituras”.

COMENTÁRIO

O asceta, se tem que viver sobre a terra, não pode permanecer no êxtase hipostático constantemente; o êxtase nesta vida, não pode ser duradouro, mas sim temporário. Mas aquele que uma vez experimentou o êxtase, pode lográ-lo na hora da morte.

O corpo astral abandona o corpo físico ao romper pelo umbigo o Cordão Prateado. Mas o asceta que sabe elevar seu Kundalini até o Ājnā, faz com seu corpo astral saia pela cabeça na hora da morte e evita assim a escuridão, o frio e a passagem pelo umbral. Através da morte extática entra diretamente aos mundos superiores. O hálito vital, prana, através do êxtase entra diretamente ao lugar superior chamado no Versículo Primeiro Deva, Purusha. Aquele que é conhecido pelo Vedanta.

SAHASRĀRA

Décima Ensinança

VERSÍCULO 39º

“Quando as ações do asceta são, através do serviço do pé de lótus de seu Mestre, com todo respeito boas, então verá sobre a Roda Carotídea a forma da Grande Voz Insonora, e terá sempre no lótus de sua mão A Flor do Poder da Palavra. A Grande Voz Insonora, que é o lugar da dissolução do elemento Ar, é a metade do Deus Shiva, na forma de arado; é tranquilo, concede favores e dissipa o medo e manifesta a Inteligência Pura”.

COMENTÁRIO

Este Versículo é transitório e não corresponde nem ao Ājnā, nem ao Sahasrāra.

O asceta que experimentou o êxtase, realiza no mundo, por influência própria, espontaneamente, ações nobres por sua natureza. A isto se chama serviço de pé de lótus do Guru.

O contato com a alma do Mestre deixa o discípulo semelhante a ele. Sente-se inclinado a fazer boas obras, como seu Guru, e então vê sobre o Ājnā-chakra a forma do Mahānāda, o lugar onde termina a atividade do ser, para não existir mais que sua potencialidade.

O asceta faz o hábito de trabalhar com caridade impulsionado pela visão espiritual, e sua ação se transforma assim em poder vivo, o Siddhi da Palavra, que é fruto do poder espiritual.

No Mahānāda, a Grande Voz Silenciosa se dilui Vayū; o amor chegou ao final do Caminho: o amor é amor.

O Mahānāda é a metade do Deus Shiva, em forma de arado, ação, trabalho; a outra metade, que não está descrita, é a parte potencial invisível.

VERSÍCULO 40º

“Por cima de todos estes lótus, grandes e pequenos, no lugar vazio dentro do qual está um Cordão com todas suas ramificações de canais, que vão da cabeça ao ânus e debaixo da Emissão, está o lótus de Mil Pétalas. Este lótus, brilhante e mais branco que a lua cheia, tem sua cabeça virada para baixo. Encanta. Seus filamentos cheios de ramos estão tingidos da cor do jovem sol. Seu corpo é luminoso, com as letras começando por A, e é a bem-aventurança absoluta”.

COMENTÁRIO

O Sahasrāra é o centro único que está sobre todos os demais, ao mesmo tempo que é livre e que recebe em seu centro a corrente de todos.

Ali converge Shankhinī-Nādī, o Cordão principal com todos seus canais e está colocado por baixo de Visarga que é a passagem por onde entra o fluxo divino, Espírito, ao ser.

A beleza deste centro é inigualável; resume em si a beleza de todos os demais centros.

Diz o texto que seu corpo é luminoso, com as letras começando pelo A e passando por toda a escala; é a bem-aventurança total.

É de cor branquíssima, mas seu centro é da cor de ouro, rodeada de doze pétalas principais e depois, exatamente como as pétalas de uma flor, vão aumentando o número até chegar aproximadamente a umas mil radiações. As escamas que adornam o tocado da cabeça das estátuas de Buda significam a Roda Coronária. O mesmo queria simbolizar o toucado da cabeça dos Faraós, o costume das mulheres cristãs de entrar no templo com a cabeça coberta e o cerimonial judaico que impede oficiar com a cabeça descoberta.

Esta roda está colocada com as pétalas para baixo, especialmente quando a pessoa está em meditação ou em um estado de mística passiva, como no caso da meditação de Buda. Mas quando trabalha e derrama forças espirituais, as pétalas se levantam e formam como uma maravilhosa aureola, muito parecida às que adornam a cabeça dos Cristos bizantinos. Neste caso, a cor, de branco se transforma em resplandecente como o sol e segundo o trabalho espiritual que desenvolve, vai se misturando com todas as cores, formando como uma única cor sintética.

Sua única forma é o Ponto Luminoso, e suas letras características são:

OM e A

No corpo físico esta substância se localiza na glândula pineal.

VERSÍCULO 41º

“Dentro deste centro está a lua cheia, sem a marca da lebre, resplandecente como em um céu claro. Verte seus raios em profusão e é úmido e fresco como néctar. Dentro do círculo da lua, brilhando constantemente como relâmpago, está o Triângulo e dentro deste brilha o Grande Vazio, que em segredo está servido por todos os Deuses”.

COMENTÁRIO

A lua cheia sem a marca da lebre indica o homem liberado, possuidor da experiência humana, mas não preso às causas.

Dentro da auréola que formam os raios da lua cheia, ChandraMandala, que brilha como relâmpago e que é a energia emanante do ser, está o Triângulo: mente, energia e matéria. E dentro deste brilha o Grande Vazio; que é a parte espiritual mais elevada que o homem possui.

VERSÍCULO 42º

“Bem oculto, ao que se chega tão somente com grande esforço, é aquele Ponto sutil que é a principal raiz da liberação e que manifesta o mais puro êxtase. Aqui está o Deus que é conhecido de todos como Supremo Deus. Ele é o Deus Eterno e o Espírito de todos os seres. Nele estão o Deus masculino e o Deus Feminino e Ele é o sol que destrói a obscuridade da ignorância e do engano”.

COMENTÁRIO

Mas todos estes êxtases divinos não são o principal; vão se sobrepondo uns aos outros como sutilíssimos papéis de seda. O asceta caminha por estes êxtases ao êxtase da liberação.

Depois de ter passado pelo êxtase de aspecto feminino e lunar, chamado ChandraMandala, onde em segredo goza junto com todos os Suras ou deuses, dos diversos êxtases dos Sete Raios, se instala em um ponto único no Grande Vazio: BinduShūnya, que, se bem não é liberação, é a raiz da mesma, e seu êxtase se transforma em muito duradouro, Nirvāna-Kalā, pois goza de um período paradisíaco, Amā-Kalā. Aqui participa, não do êxtase do Supremo e Único Deus Pessoal, Parama Shiva, que é Espírito e alma de todos os seres, Brahman e Ātmā. Nele estão unidos Rasa e Virasa, que são Shiva e Shakti, o Deus-homem e o Deus-mulher. Ele é o sol do conhecimento único, que destrói a escuridão da variabilidade, que é a ignorância e o engano.

VERSÍCULO 43º

“Vertendo uma constante e profusa corrente de essência como o néctar, o Senhor instrui o asceta de mente pura no conhecimento pelo qual compreende A Unidade do Espírito e do Grande Espírito. Penetra como senhor, todas as coisas, que é a corrente que sempre flui e espalha toda forma de felicidade, conhecida pelo nome de Ave Suprema”.

COMENTÁRIO

Uma corrente constante e profusa se estabelece entre a alma e Deus, depois do êxtase perfeito. E Deus se transforma no mestre, no Bhagavān que instrui continuamente a seu Yati; este é o nome que se dá ao asceta de mente pura. Mas, assim como dois enamorados não podem falar mais que de seu amor, Deus não pode comunicar a alma conhecimentos variados, senão o que concerne a Ele e a alma exclusivamente: a compreensão da Unidade. O Paramātmā e o Jivātmā, Deus e a alma, são uma só coisa; uma gota de água é exatamente

igual a todas as demais gotas de água do oceano. Um raio de luz; uma alma, Jivātmā, é microscopicamente uma imagem exata de Paramātmā, a união de todas as almas.

Quando se sabe o valor da Unidade, não somente conhece as coisas, senão penetram em todas elas e as penetra como Senhor, como dono e conhecedor; Seu conhecimento é como uma corrente continuada que dá a felicidade verdadeira, a felicidade do Espírito, emanante do Espírito Supremo, Hamsah-Parama ou Parama-Hamsah.

VERSÍCULO 44º

“Os devotos de Shiva o chamam a Morada de Shiva; os devotos de Vishnū o chamam Parama-Purusha; outros, o lugar de Vishnū e Shiva. Aqueles plenos de paixão pelos pés de lótus da Mãe, o chamam a Excelente Morada das Deusas; e os outros Grandes Sábios o chamam o Puro Lugar da Matéria-Espírito”.

COMENTÁRIO

Os hindus consideram que o Deus Único tem três aspectos diferentes, que são Brahma, Vishnū e Shiva. Mas houve discussões teológicas, mantidas e continuadas por diversas seitas, sobre a precedência de um destes três aspectos divinos na Santíssima Trindade Hindu.

Os Shaivas, que reconhecem como Primeira Emanação a Shiva, chamam a morada de onde se logra o êxtase do Deus Único, Morada de Shiva; assim como os Vaishnavas o chamam Parama-Purusha, êxtase de Vishnū, o Grande Espírito.

Aqueles que dão supremacia a Hari-Hara, união de Vishnū e Shiva, o chamam Morada de Hari-Hara.

Os devotos do aspecto feminino da divindade o chamam a Excelente Morada dos Devi. E os Grandes Munis Sábios o chamam lugar do êxtase onde se percebe o puro Espírito; ou a essência da natureza, Prakriti.

VERSÍCULO 45º

“Aquele, o melhor dos homens, que domou sua mente e conheceu este Lugar, não nasce mais neste Vagar, pois nada existe nos três mundos que o amarre. Sendo sua mente domada e seu fim cumprido, possui o poder de fazer o que quiser e de evitar o que seja contrário à sua vontade. Move-se sempre ao encontro do Eterno. Sua palavra, em prosa ou em verso, é pura e doce”.

COMENTÁRIO

O êxtase de Deus não é a liberação, senão a raiz, o princípio da liberação.

O Iniciado, considerado não como um dos homens, senão como o homem, o melhor dos homens, já não é arrastado no Vagar da roda das encarnações, de nascer neste mundo e de estar atado à lei do devenir, Samsārā-Karma, mas sim tende ao êxtase perfeito, completo; como diz o Versículo, move-se sempre na direção do Eterno, o Brahman.

No entanto, pode cumprir com todos seus desejos, ao ter uma única aspiração, pois seu fim está cumprido, não tem valor de atração alguma, porque seria contrário a sua vontade, a qual está toda orientada para Deus.

NIRVANĀ-SHAKTI

Décima Primeira Ensino

VERSÍCULO 46º

“Aqui está a excelente décima sexta parte da lua. Ela é pura e assemelhada ao jovem sol. Está delgada como uma centésima parte de uma fibra de talo de lótus. Brilha e é suave como dez milhões de relâmpagos, e está invertida. Dela, cuja fonte é o Eterno, flui copiosamente uma corrente continuada de néctar ou Ela é o receptáculo da corrente de excelente néctar que vem da ditosa união: Ela com o Eterno.”.

COMENTÁRIO

A alma que logrou o êxtase descrito nos Versículos anteriores, que é a raiz da liberação, vive no mundo sem amarras; é como se, permanentemente, somente um véu sutil a separasse de Deus.

Este êxtase, raiz da liberação, pode repetir-se durante a vida uma infinidade de vezes, sem que o sujeito logre o grande êxtase liberador; algumas vezes o alcança na hora da morte, e outras, unicamente em outras vidas.

Este Samadhi acusa uma infinidade de matizes extáticos.

O Versículo 46º descreve o êxtase da liberação com semente. Chama-se lugar onde está a décima sexta Kalā da lua, que corresponde a um período de quatro horas.

O ser que chegue a este êxtase, que está fora de todo alcance humano, para lográ-lo tem que abandonar o corpo completamente e valer-se do nexa etéreo e do corpo astral; por isso é chamado aqui morada da lua. Mas ainda assim não pode durar mais de quatro horas; em alguns casos em que o êxtase se prolongou por mais tempo, o ser depois de quatro de quatro horas, não gozava já do êxtase, senão, pela força do mesmo, não podia voltar a seu estado normal.

O Versículo descreve a beleza deste lugar e representa a ela, Amā-Kalā, como o próprio receptáculo do Eterno. O néctar divino flui para Ela, Para-Bindu ou Rūpa-Shiva, desde a mesma fonte eterna de Brahma.

Este passar da força divina se chama Parā-Prakriti-Sakti, e a união estreita entre o Eterno e a força divina feminina é Para-Para.

Amā-Kalā quer dizer a décima sexta parte da lua, que é um período de quatro horas. A vibração cósmica lunar, que está em contato contínuo com a terra, muda de ritmo a cada

quatro horas; é durante a décima sexta parte da lua que ela projeta sua vibração mais densa sobre a terra.

Isto não tem relação com a vibração da lua que se vê como satélite, pois se refere à vibração da cadeia planetária lunar que deu vida à cadeia planetária terrestre.

VERSÍCULO 47º

“Dentro Dela está o Paraíso Lunar mais excelente que o excelente. Ela é tão sutil como a milésima parte da ponta de um cabelo e tem a forma de uma lua crescente. Ela é a sempre existente Senhora, que é a deusa que penetra em todos os seres. Outorga o conhecimento divino e é brilhante como a luz de todos os sóis brilhando ao mesmo tempo”.

COMENTÁRIO

Nela, Amā-Kalā, tem um período de dita suprema, Nirvāna-Kalā. O êxtase com semente, ainda assim é logrado depois da morte, somente dá um paraíso lunar, quer dizer, somente um período de dita suprema.

Bhagavatī, a Senhora, que é a divindade chamada Devatā, é a manifestação divina que penetra em todos os seres.

O êxtase com semente corresponde a sagrada sílaba A.

VERSÍCULO 48º

“Dentro do espaço médio do Paraíso Lunar, brilha a Suprema e Primordial Deusa Celeste; é brilhante como dez milhões de sóis e é a Mãe dos três mundos. Ela é extremamente sutil, como a décima milionésima parte da ponta de um cabelo. Contém dentro Dela a corrente de alegria que flui constantemente, e é a vida de todos os seres. Graciosamente leva o conhecimento da Verdade à mente dos sábios”.

COMENTÁRIO

No meio do Nirvānā-Kalā, mora Nirvānā-Shakti, a Divina Mãe, em seu aspecto de força potencial do universo. Aquela que leva o conhecimento da Verdade, Tattva, à mente dos sábios. O Tattva é o éter cósmico e os sábios hindus o dividem em sete modalidades, mas unicamente atribuem cinco, que são: Prithivī, Apas, Tejas, Vayū e Akasha.

NITYĀNANDA

Décima Segunda Ensino

VERSÍCULO 49º

“Dentro Dela está o lugar eterno, chamado a Morada de Deus, que está livre de ilusão. A Ele somente podem chegar os ascetas e é conhecido com o nome de Felicidade Permanente. Está repleto com toda forma de felicidade e é propriamente o conhecimento puro. Alguns o chamam Deus; outros o chamam o Eterno; homens sábios o descrevem como Morada da Divina Encarnação, e homens justos falam Dele como o inefável lugar do conhecimento da alma ou o lugar da Liberação”.

COMENTÁRIO

O Versículo ao dizer que este lugar eterno, Morada de Shiva, está livre de Mayā, indica que já entre a alma do homem e a de Deus, não há véu nem diferença, por simples que seja, e que o êxtase do homem é sem semente. A este estado se chama Nityānanda, Felicidade Perfeita ou Felicidade Permanente.

Todos os yoguis que logram no êxtase a liberação final, quando voltam a seu estado normal sobre a terra, definem este estado segundo a crença ou fé que professam. Para alguns é Deus; para outros o Eterno; para outros Brahman, Hamsa, Vishnū, Ātmā; mas todos concordam em assegurar que é o lugar da Liberação, da Felicidade Suprema.

O êxtase sem semente corresponde a sagrada sílaba OM.

O lugar da liberação se chama Mokaha.

VERSÍCULO 50º

“Ele, cuja natureza é purificada com a prática da purificação interna e externa, ou o que pareça, aprende de boca de seu Mestre o processo que abre o caminho ao descobrimento da Grande Liberação. Aquele que tenha todo seu ser submerso em Deus, então levanta a Força da Deusa, perfura o centro do falo, a boca do qual está fechada, logo, invisível, e por meio do ar e do fogo coloca Ela dentro da passagem Secreta”.

COMENTÁRIO

O caminho é indispensável para chegar à meta, seja o caminho de Yama, Niyama ou qualquer outro; porque sem a disciplina não é possível chegar ao êxtase da Grande Liberação.

Ainda no último instante antes de lograr o êxtase supremo, é regido por uma lei; e indispensável conhecer esta lei, esta chavinha que dá a Grande Liberação. Poderia se dizer que o segredo da lei que admite o discípulo ao êxtase e este se logra quase simultaneamente. Mas isso diz o Versículo que, quando o discípulo chegou perto do Lugar da Grande Liberação, O Guru lhe ensina o processo que lhe abre passagem ao grande descobrimento.

A vontade e a consciência estão sempre estreitamente unidas; a vontade levou o discípulo até o auge; mas de nada lhe valeria a vontade se seu ser não estivesse submerso no Brahman, Consciência Eterna.

A seguir, o Versículo explica o processo técnico mediante o qual se realiza o êxtase.

O chela, ao estar submerso em Brahman, recebe de seu Guru as palavras que lhe abrem o caminho, e então levanta o Devī por Hūm-Kāra. Devī é a energia feminina, o Kundalini em grande movimento. O grande movimento está explicado pela palavra Hūm-Kāra, que quer dizer mover-se violentamente.

Então o éter cósmico perfura o centro do lingam de Ājnā, cuja boca está fechada.

Com o lingam do Mūlādhāra, o ser se regenera fisicamente; com o lingam de Anāhata, o ser se une a todos os seres; mas com o lingam do Ājnā, o ser se une a Deus.

Então se produz o êxtase: toda a essência do ser, seu Kundalini, ao sair do lingam do Ājnā, cai no Brahmadvāra, Passagem Secreta, que corre ao longo da coluna vertebral e termina no Sahasrāra. Esta união se efetua no Sahasrāra por meio do ar e do fogo. Isto não é nada mais que um simbolismo da concepção cósmica: o ar é a matriz e o fogo é o falo cósmico.

O Brahmadvāra se chama também Chitrinī-Nadī.

SHUDAHA SATTVA

Décima Terceira Ensinaça

VERSÍCULO 51º

“A Deusa, que é substância divina, penetra pelos três falos e, chegando a todos os lótus, conhecidos como os nós de Deus, brilha em seu interior na plenitude de seu brilho. Logo, em seu sutil estado, brilhante como o relâmpago e fina como a fibra do lótus, Ela marcha em direção ao brilhante e flamejante Deus, a Felicidade Suprema, e de repente, produz a felicidade da Liberação”.

COMENTÁRIO

A Devi faz com que o Kundalini se mova violentamente. Não é um subir lento, senão uma ascensão rapidíssima e completa. Neste movimento rápido o Kundalini penetra todos os lótus e passa os três lingams simultaneamente.

Pode-se dizer, então, que o êxtase supremo é a força que movimenta simultaneamente a todos os centros, fazendo que o Kundalini passe por todos eles; somente assim Ela pode chegar até o Deus Shiva, a Felicidade suprema, que é a Grande Liberação.

O Kundalini que chega violentamente à cabeça une-se no Sahasrāra ao éter cósmico, Suddha-Sattva, que é de sua mesma natureza e que está ali em estado potencial e ativo. Devido a esta união, que os Versículos chamam de Kundalini, ar e fogo, realiza-se a felicidade da Liberação.

A Felicidade Suprema chama-se Paramarasa ou Paramānanda; e a felicidade da Liberação se chama Nityānanda ou Rupa-muktim.

VERSÍCULO 52º

“O sábio e excelente asceta, arrebatado em êxtase e devoto dos pés de lótus de seu Mestre, deverá guiar ao Éter Cósmico junto com sua alma, a seu Senhor, o Grande Deus, na Morada da Liberação, dentro do Puro Lótus, e meditar sobre Ela, que outorga todos os desejos, como o de ser uno na Morada da Mãe. Deverá fazer absorver dentro dela todas as coisas, quando assim guia o Éter Cósmico”.

COMENTÁRIO

O Yogui que logrou a Grande Liberação, enquanto dura o êxtase e todas suas potências superiores estão livres de ataduras, tem que dirigir as potências inferiores. Subconscientemente deve vigiar para que também sua parte inferior se direcione todo a Deus e todas suas potências inferiores vão seguindo o ascenso do Éter Cósmico, tendendo

unicamente para Deus. Tem que imaginar que seus corpos inferiores não são dele mesmo, senão seres sujeitos a ele, e desejará ardentemente que suas mentes intuitiva e racional unicamente aspirem às coisas divinas e que a parte mais superior da mente medite tão somente sobre a Mãe Divina, a que outorga todos os desejos e concede Chaitanyarūpā-Bhagavati, que é estar na porta ou lugar da Morada de Deus.

E assim todas as potências da alma se transformam e se juntam a Ela, enquanto o Kula-Kundalini é guiado para cima, até a porta da Liberação, onde o ser goza, livre de amarras, o êxtase supremo.

O RETORNO DE KUNDALINI

Décima Quarta Ensinança

VERSÍCULO 53º

“A formosa Kundalini bebe o excelente néctar vermelho emanado do Grande Deus e regressa de onde brilha a felicidade eterna e transcendental em toda sua glória, ao longo da coluna vertebral e, de novo, entra no plexo sacro. O asceta que tem firmeza de mente, faz oferendas aos Deuses dos seis centros, e outros, com essa corrente de néctar celestial que está no vaso do Canal de Deus, o conhecimento que obteve por meio da tradição dos Mestres”.

COMENTÁRIO

O êxtase supremo ou Grande Êxtase dura enquanto persiste a energia gerada pelo esforço da subida violenta do Kundalini. Mas quando perde o impulso da energia e então o Éter Cósmico bebeu o néctar vermelho, emanado de Para-Shiva, regressa pelo caminho de Kula e de novo entra no Mūlādhāra. Kula é o canal por onde desce e sobe o Kundalini.

O Yogui que tem firmeza de mente, faz oferendas, Tarpana, a Ishta-Devatā, que é a desejada Divindade. Procura manter em tudo o que seja possível a recordação e o fervor do êxtase e faz oferendas nos seis chakras aos Devatās e as Dākinīs.

Como não pode manter o mesmo fervor extático, vai rebaixando de tonalidade vibratória; o importante é não deixar que a corrente que subiu, baixe violentamente e fazer que este néctar celestial desça lentamente pelo Brahmananda.

Este é o modo de conservar o êxtase o maior tempo possível: manter-se na postura, atitude mental, física, moral e emocional da recordação do êxtase.

VERSÍCULO 54º

“O asceta que aprendeu, depois de diversos exercícios, ou o que lhes parece, este excelente método dos pés de lótus do auspicioso Mestre de Iniciação, que são fonte de felicidade ininterrupta, não nasce mais neste mundo. Para ele não há dissolução nem no tempo da Dissolução Final. Alegrado pela constante realização do que é a Fonte da Felicidade Eterna, se enche de paz e é o principal entre todos os ascetas”.

COMENTÁRIO

O Yogui que realizou todo o caminho místico e que conhece a lei da evolução, não volta a encarnar na terra; é livre de Samsara.

Esta realização o sujeita sempre a uma cadeia de seres superiores a Ele, e a isto ao que o texto chama os pés do lótus do Dikshāguru ou Mestre de Iniciação. Como Ele obedece a lei da evolução cósmica, mantém viva sua consciência individual ainda na hora do Samkshaya-Pralaya.

Ele está pleno de paz porque a felicidade suprema o fez experimentar a Deus, ainda que não o tenha feito semelhante a Ele; goza então de Deus no lugar que lhe corresponde dentro da evolução cósmica.

Diz aqui que o ser perfeito não perde sua individualidade nem na hora da Grande Dissolução, porque alguns Mestres de Teologia opinam que os seres que não alcançaram um alto estado de evolução, dissolvem sua semente individual ou mônada no Grande Pralaya. Este conceito está desautorizado por outros mestres que sustentam que o ser nunca perde sua individualidade espiritual uma vez que a adquiriu, qualquer que seja o grau de evolução alcançado.

VERSÍCULO 55º

“Se o asceta, devoto aos pés de lótus de seu Mestre, de coração não perturbado e mente concentrada, lê esta obra, que é Fonte Suprema do Conhecimento da Liberação e se não tem faltas o discípulo, é puro e muito secreto, então, seguramente, sua mente dança aos Pés da Divindade ansiada”.

COMENTÁRIO

Se adverte aqui ao discípulo de ascetismo que, ainda que somente tenha lido esta obra, feito de um modo pausado e como se fosse um livro sagrado, pode aproveitar. Mas deverá ser sempre com coração puro e muito segredo, porque nunca há que divulgar as obras que Deus faz no interior do ser. Poderá então vislumbrar o caminho e sua mente receber os prenúncios das graças divinas que o Versículo chama “dança dos Pés da Ishta-Devatā”.

COMENTÁRIO AO TEXTO DO SHATKRANIRUPANA

Décima Quinta Ensino

TEXTO DO SHATCHAKRA NIRUPANA

Verso Preliminar

Agora eu falo do primeiro broto (da planta Yoga) da completa realização do Brahmán, que deve ser completado, de acordo com os Tantras, por meio dos seis Chakras e assim sucessivamente em sua devida ordem.

Verso 1.

No espaço fora do Meru, colocados a direita e esquerda, estão os dois Shiras: Shashī e Mihira. O NādiSushumnā, cuja substância é o Triplo Gunas, está no meio. Ela é a forma da Lua, Sol e fogo. Seu corpo, uma cadeia de flores de Dhūstūra, estende-se do meio do Kanda até a cabeça e em seu interior se estende a Vayrā, brilhante, desde o Medhra, até a cabeça.

2.

Dentro dela está Chitrinī, que é lustrosa com o lustre do Prasava e os Yogīs podem chegar a ela na Yoga. Ela (Chitrinī) é flexível como o fio da aranha, e penetra todos os Lótus colocados dentro da coluna vertebral, e é pura inteligência. Ela (Chitrinī) é formosa devido a estes (Lótus) que estão atados sobre ela. Dentro dela (Chitrinī) está Brahmanadi, que se estende desde o orifício da boca de Hara, até o lugar mais além, onde está Ādiveva.

3.

Ela, Chitrinī, é formosa como uma cadeia de relâmpagos e fina como uma fibra (de lótus), e brilha na mente dos sábios. Ela é extremamente flexível, a que desperta o conhecimento puro; a incorporação de toda Felicidade cuja verdadeira natureza é pura Consciência, Shudda-bodha-avabhāvā. O Brahma-dvarā brilha em sua boca. Este lugar é a entrada à região borrifada de ambrosia, e se chama o Nudo, assim como a boca de Sushumnā.

4.

Agora chegamos a Adhārā Lótus. Está junto a boca da Sushumnā, e está colocado debaixo dos genitais e acima do ânus. Tem quatro pétalas encarnadas. Sua cabeça (boca) fica dependurada para baixo. Sobre as pétalas estão as quatro letras de Va a As, da cor ouro brilhante.

5.

Neste (Lótus) está a quadrada região (Chakra) de Prithivī, rodeado de oito lanças brilhantes. É de cor amarelo brilhante e formoso como o relâmpago, como o é também o Bijā de Dharā, que estão dentro.

6.

Adornado com quatro braços e colocado sobre o Rei dos Elefantes. Carrega sobre seu regaço o menino Criador, resplandecente como o jovem Sol, que tem quatro brilhantes braços e a riqueza de sua face de lótus é quádrupla.

Nota: Braço pode ser substituído por “arma”.

7.

Aqui mora aquele que se nomeia DevīDākini; Brilham formosíssimos seus quatro braços, e seus olhos são vermelho brilhante. Ela é resplandecente com o brilho de muitos Sóis que saem ao mesmo tempo. Ela é a portadora da revelação da sempre-pura inteligência.

8.

Perto da boca do Nādī chamado Vajrā, e no pericarpo (do Adhārā-Lótus), brilha constantemente o suave triângulo belamente luminoso como relâmpago que é Kāmarūpa, e conhecido como Traipura. Há sempre e em todas as partes o Vāyu chamado Kandarpa, que é de um vermelho mais profundo que a flor de Bandhujīva, que é o Senhor dos Senhores e resplandecente como dez milhões de sóis.

9.

Dentro dele (Triângulo) está Swayambhu em sua forma de Linga (como o falo humano), formoso como ouro derretido, de cabeça para baixo. Ele está revelado pelo Conhecimento e Meditação e tem a forma e a cor de uma folha nova. Sua formosura encanta como os frescos raios do relâmpago e a lua cheia. O Deva que reside feliz aqui como em Kāshī tem as formas de um vórtice.

10 e 11.

Shankara, ao contrário de Kalicharana, anotou os dois versos separadamente.

Sobre isto brilha a adormecida Kundalini, fina como uma fibra de talo de Lótus. Ela é a desarranjadora do mundo, cobrindo suavemente a boca de Brahma-dvāra com a própria. Como a espiral de uma concha, Sua forma brilhante, e como de serpente, rodeia três vezes e meia a Shiva, e seu brilho é de uma forte labareda de um relâmpago jovem e forte. Seu doce

murmúrio é como o confuso zumbido de enxames de abelhas, loucas de amor. Ela produz poesia melodiosa e Bandha (uma forma de composição literária na qual o verso se coloca na forma de diagrama ou quadro) e todo outro tipo de composições em prosa e verso, Bhedakrama ou Atibhedakrama, em Sânscrito, Prākṛita e outras línguas. É Ela que mantém todos os seres do mundo por meio da inspiração e expiração, e brilha na cavidade da raiz (Mūla) Lótus como uma cadeia de luzes brilhantes.

12.

Dentro dele reina o dominante Parā, a ShrīParameshvarī, a Despertadora do conhecimento eterno. Ela é a onipotente Kalā, que é maravilhosamente destra para criar e é mais sutil que o mais sutil. Ela é o receptáculo dessa contínua corrente de ambrosia que emana da Felicidade Eterna. Todo o Universo e esta Caldeira (Katāha, a metade inferior do Brahmānda, que tem tal forma) estão iluminados por Seu brilho.

13.

Meditando assim sobre Ela que brilha dentro de MūlaChakra com o brilho de dez milhões de sóis, um homem chega a ser Senhor da palavra e Rei entre os homens, e um adepto em todo tipo de conhecimentos. Chega a ser livre de todas as doenças, e seu espírito mais interno se enche de grande Contentamento. Puro de disposição por suas palavras profundas e musicais, serve aos principais Devas.

14.

Existe outro Lótus situado dentro da Sushumnā na raiz dos genitais de belíssima cor vermelhão. Em suas seis pétalas estão as letras de Ba a Purandara, com o Bindu superposto, da brilhante cor do relâmpago.

15.

Dentro dele está a branca, brilhante, aquosa região de Varuna, com a forma de meia lua, e ali dentro, sentado sobre um Makara, está o BijāVam, sem mancha e branco como a lua de outono.

16.

MayHari, que está dentro dele, que é o orgulho da juventude precoce, cujo corpo de luminoso azul é maravilhoso de contemplar, vestido com traje amarelo, tem quatro braços, veste Shrīvatsa e o Kaustubha, protegei-nos!!

17.

É aqui onde sempre mora Rākinī. Ela é da cor do Lotus azul. A beleza de Seu corpo está realçada por Seus braços levantados como várias armas. Veste trajes e adornos celestiais e, bebendo ambrosia, exalta Sua Mente.

18.

Aquele que medite sobre o imaculado Lótus, que se chama Svādhishthāna, é liberado imediatamente de todos seus inimigos, tal como o erro de Ahamkāra e assim sucessivamente. Chega a ser um Senhor entre os Yogīs e é como o Sol iluminando a espessa escuridão da ignorância. Flui em prosa e verso em bem argumentado discurso, a riqueza de suas palavras como néctar.

19.

Acima dele e na raiz do umbigo, está o brilhante Lótus de dez pétalas, da cor de carregadas nuvens. Dentro dele estão as letras de Da a Pha da cor do Lótus azul com Nāda e Bindu sobre eles. Meditai ali sobre a região do Fogo, de forma triangular e brilhante como o nascer do Sol. Fora dele, estão as três marcas de Svastika, e dentro, o próprio Bijā de Vahni.

20.

Meditai sobre Ele (Fogo) sentado sobre um carneiro, com quatro braços e radiante como o Sol nascente. Em Seu regaço Rudra mora sempre, que é de cor vermelhão puro. Ele (Rudra) é branco com as cinzas que o cobrem; com aspecto antigo e com três olhos, Suas mãos estão em atitude daquele que outorga favores e dissipa o medo. Ele é o destruidor da criação.

21.

Aqui mora Lākīni, benfeitora de todos. Tem quatro braços, é de corpo radiante, de pele morena, vestida com decorações amarelas, ornada com diversos enfeites e exaltada por beber ambrosia. Meditando sobre este Lótus do Umbigo se adquire o poder de criar e destruir (o mundo). Vāni com toda a riqueza do conhecimento sempre mora no lótus de sua face.

22.

Sobre isso, no coração, está o encantador Lótus, de brilhante cor da flor de Bandhūka, com as doze letras começando com Ka, de cor vermelhão, colocadas dentro. É conhecido pelo nome de Anāhata, e é como a árvore do desejo celestial e outorga ainda mais que o desejo (daquele que pede). Aqui está a região de Vāyu, formosa, com seis pontas e da cor da fumaça.

23.

Meditai dentro dele sobre o doce e excelente VānaBijāPaVāna-Bijā, cinza como uma massa de fumaça, com quatro braços, montada sobre um antílope preto. E nele também (meditai) sobre a Morada de Misericórdia, o Senhor Imaculado que é brilhante como o sol e cujas mãos fazem os gestos daquele que dispensa favores e dissipa os temores dos três mundos.

24.

Aqui mora Kākinī, cuja cor é amarelo como relâmpago novo, alegre e próspero; tem três olhos e é benfeitora de todos. Ela leva todo tipo de enfeites e em suas quatro mãos leva o nó corrediço e a caveira e faz o sinal da benção e o sinal que dissipa o medo. Seu coração está suavizado porque bebe néctar.

25.

O Shakti, cujo corpo terno é como dez milhões de raios de relâmpagos, está no pericarpo deste Lótus em forma de triângulo (Trikona). Dentro do triângulo está o Shivalinga conhecido com o nome de Vāna. Este Linga é como de ouro brilhante e em sua cabeça existe um orifício diminuto como de uma gema. Ele é a resplandecente morada de Lakshmī.

26.

Quem medite sobre este Lótus Coração chega a ser (como) Senhor da Palavra, e (como) Ishvara é capaz de proteger e destruir os mundos. O lótus é como a árvore do desejo celestial, a morada e sede de Sharva. Está embelezada pelo Hamsa que é como a firme chama de uma lâmpada em lugar onde não sopra o vento. Encantam os filamentos que rodeiam e adornam seu pericarpo, iluminado pela região solar.

27.

Principal entre os Yoguis, é sempre mais amado que o mais amado pelas mulheres. Ele é muito sábio e pleno de obras nobres. Domina completamente seus sentidos. Sua mente, em sua intensa concentração está exaltada nos pensamentos de Brahman. Sua palavra inspirada flui como uma corrente de água (cristalina). Ele é como o Devatā que é o amado de Lakshmī, e pode por sua vontade penetrar no corpo de outro.

28 e 29.

Na garganta está o Lótus chamado Vishudda, que é puro e cor púrpura defumado. As (dezesseis) vogais sobre suas (dezesseis) pétalas, cor encarnada, são claramente visíveis para cuja mente (Buddhi) está iluminada. No pericarpo deste lótus está a Região Etérea, de forma circular e branca como a lua cheia. Sobre um elefante, branco como a neve, está sentado o

Bijã de Ambara de cor branca. De seus quatro braços: dois fazem o laço correção e a espora, e os outros dois fazem os gestos do qual outorga favores e dissipa o medo.

Acrescentam a Sua beleza. Em seu colo mora sempre o grande Deva, branco como a neve, com três olhos e cinco faces, com dez formosos braços, vestido com uma pele de tigre. Seu corpo está unido ao de Girijã e Ele é conhecido pelo que significa o nome Dele, Sadā-Shiva.

30.

Mais pura que o Oceano de Néctar é a ShaktiShakinī que mora neste Lótus. Seu traje é amarelo e em Suas quatro mãos de Lótus, leva o arco, a flecha, o nó correção e esporão aguilhão. A região inteira da Lua sem a marca da lebre (o homem da lua) está no pericarpo deste Lótus. Esta (região) é o portão da grande Liberação para aquele que deseje a riqueza de Yoga e cujos sentidos sejam puros e dominados.

31.

Quem obteve completo conhecimento do Ātmā (Brahman) pela constante concentração de sua mente (Chitta) sobre este Lótus, chega a ser um grande Sábio (Kavi), eloquente e sábio, e goza ininterruptamente de paz mental. Vê os três períodos, chega a ser benfeitor de todos, livre de doença e pesar e longevo e, como Hamsa, é destruidor de perigos sem fim.

31 a. (não incluído por Kalicharana nem Shankara)

O Yogī, constantemente fixa sua mente neste Lótus, controlado sua respiração por Kumbhaka é, quando irado, capaz de mover os três mundos. Nem Brāma nem Vishnū nem Hari-Hara nem Sūrya nem Ganapa é capaz de dominar seu poder (resistir-lhe).

32.

O Lótus chamado Ājnā é como a Lua (maravilhosamente branca). Em suas pétalas estão as letras Ha e Ksha, também brancas e que realçam sua beleza. Brilha com a glória de Dhyāna. Dentro dele está a ShaktiHākinī, cujas seis faces são como outras tantas luas. Ela tem seis braços, em um dos quais ela tem um livro; outros dois estão em atitude de conceder favores e dissipar o medo, e com os demais Ela tem a caveira, um tamborzinho e um rosário. A mente dela é pura (Shuddachittā).

33.

Dentro deste Lótus mora a mente sutil (Manas). É bem conhecida. Dentro do Yoni no pericarpo está o Shiva chamado Itara, em Sua forma fálica. Aqui Ele brilha como uma cadeia de relâmpagos. O Primeiro Bijã dos Vedas, que é a morada da melhor Shakti, que por seu brilho faz visível o Brahma-sutra, está também ali. O Sādhaka com mente firme deve meditar sobre estes de acordo à ordem (prescrito).

34.

O excelente Sādhaka, cujo Ātmā não é senão uma meditação sobre este Lótus, pode, a sua vontade, entrar rapidamente no corpo do outro, e chega a ser o melhor entre os Munis, onisciente e onividente. Chega a ser benfeitor de todos e versado em todos os Shāstras. Realiza sua união com o Brahman e adquire poderes excelentes e desconhecidos. Famoso e longevo, sempre é o Criador, Destruidor e Conservador dos três mundos.

35.

Dentro do triângulo neste Chakra mora sempre a combinação de letras que forma o Pranava. É o Ātmā mais interno como mente pura (Buddhi), e se parece pelo brilhante, à chama. Sobre este está a meia lua (crescente), e acima está Ma-kara, brilhando em sua forma de Bindu. Em cima está Nāda, cuja brancura é igual à de Balarāma e difunde os raios da Lua.

36.

Quando o Yogī fecha a casa que pende sem sustentação, o conhecimento que ganhou dali pela ajuda de Paramaguru e quando o Chetas, pela prática repetida se dissolve neste lugar que é a morada da felicidade ininterrupta, vê então chispas de fogo brilhante com nitidez no meio e no espaço acima (do triângulo).

37.

Ele então também vê a Luz na forma de lâmpada Flamejante. É brilhante como o sol da manhã, e arde (brilha) entre o Céu e a Terra. É aqui onde se manifesta o Bhagavān na totalidade de Seu poder. Ele não conhece a decadência é a testemunha de tudo, e está aqui como Ele na região do Fogo, da Lua e do Sol.

38.

Esta é a incomparável e deliciosa morada de Vishnū. O excelente Yogī no tempo da morte com muito gozo coloca aqui seu hálito vital (Prāna), e entra (depois da morte) esse Supremo, Eterno, Sem Nascimento, Primeiro Deva, o Purusha, que foi antes que os três mundos e é conhecido pelos Vedānta.

39.

Quando as ações do Yogī são, através do serviço do pé de Lótus de seu Guru, boas em todos os aspectos, então ele verá sobre ele (Ājnā-chakra) a forma do Mahānāda, e terá sempre no Lótus de sua mão o Siddhi da Palavra. O Mahānāda que é o lugar da dissolução de Vayū, é a metade de Shiva, na forma de arado, é tranquilo, concede favores e dissipa o medo e põe de manifesto Inteligência pura (Buddhi).

40.

Acima de tudo isso, no lugar vazio dentro do qual está ShankhinīNādī, debaixo de Visarga está o Lótus de mil pétalas. Este Lótus, brilhante e mais branco que a Lua cheia, tem sua cabeça olhando para baixo. Encanta. Seus filamentos enlaçados estão tingidos da cor do jovem Sol. Seu corpo é luminoso com as letras começando por A e é a felicidade absoluta.

41.

Dentro dele (Sahasrāra) está a Lua cheia, sem a marca da lebre, resplandecente como em um céu claro. Verte seus raios em profusão, e é úmido e fresco como néctar. Dentro dele (Chandra-mandala), brilhando constantemente como relâmpago, está o Triângulo, e dentro deste, brilha o Grande Vazio, o qual está servido em segredo por todos os Suras.

42.

Bem oculto, e ao que se chega tão somente com grande esforço, é aquele sutil Bindu (Shūnya) que é a principal raiz da Liberação, e que manifesta o puro NirvānaKālā com AmāKālā. Aqui está o Deva que é conhecido de todos como Parama Shiva. Ele é o Brahman e o Ātmā de todos os seres. Nele estão unidos Rasa e Virasa, e Ele é o Sol que destrói a escuridão da ignorância e do engano.

43.

Vertendo uma constante e profusa corrente de essência como Néctar, o Bhagavān instrui o Yati de mente pura no conhecimento pelo qual compreende a unidade do Jivātmā e o Paramātmā. Penetra, como Senhor, todas as coisas, que é a corrente que sempre flui e esparrama toda forma de felicidade conhecida pelo nome de Hamsah Parama (Paramahansa).

44.

Os Shaivas o chamam a morada de Shiva; os Vaishnavas o chamam Parama Purusha; outros, o lugar de Hari-Hara. Aqueles plenos de paixão pelos pés de Lótus dos Devī o chamam a excelente morada dos Devi: e os outros grandes sábios (Munis) o chamam o puro lugar de Prakriti-Purusha.

45.

Aquele, o mais excelente dos homens, que dominou sua mente, e conheceu este lugar, não nasce mais neste Vagar, pois nada há nos três mundos que o ate. Sendo sua mente dominada e seu fim cumprido, possui o poder de fazer tudo o que lhe apraz, e de evitar o que seja contrário a sua vontade. Move-se sempre até o Brahman. Sua palavra, em prosa ou verso, é sempre pura e doce.

46.

Aqui está a excelente (suprema) décima sexta Kalā da Lua. Ela é pura e semelhante (na cor) ao jovem sol. É tão fina como a centésima parte de uma fibra de talo de Lótus. Brilha, e é suave como dez milhões de relâmpagos e está invertida. Dela, cuja fonte é o Brahman, flui copiosamente uma corrente contínua de néctar (ou, Ela é o receptáculo da corrente de excelente néctar que vem da feliz união de Para com Parā).

47.

Dentro dele (Amā-Kalā) está Nirvāna-Kala. Melhor que o excelente. Ela é tão sutil como a milésima parte da ponta de um cabelo, e tem a forma de uma lua crescente. Ela é a sempre-existente Bhagavatī, que é o Devatā que penetra todos os seres. Outorga o conhecimento divino, e é brilhante como a luz de todos os sóis brilhando ao mesmo tempo.

48.

Dentro do espaço médio (Meio de Nirvāna-Kalā) brilha a Suprema e Primordial Nirvāna-Shakti; é brilhante como dez milhões de sóis e é a Mãe dos três mundos. Ela é extremamente sutil, como a décima milionésima parte da ponta de um cabelo. Contém dentro dela a corrente de alegria que flui constantemente, e é a vida de todos os seres. De modo gracioso leva o conhecimento da Verdade (Tattva) à mente dos sábios.

49.

Dentro Dela está o lugar eterno chamado a morada de Shiva, que está livre de Māyā, ao qual somente podem chegar os Yogīs, e é conhecido pelo nome de Nityānanda. Está repleto com toda forma de felicidade, e é propriamente o Conhecimento Puro. Alguns o chamam o Brahman; outros o chamam o Hamsa. Homens sábios o descrevem como morada de Vishnū, e homens justos falam dela como a o inefável lugar de Conhecimento de Ātmā, ou o lugar da Liberação.

50.

Aquele, cuja natureza esteja purificada com a prática de Yama, Niyama, ou algo parecido, aprende da boca de seu Guru, o processo que abre o caminho ao descobrimento da grande Liberação. Aquele que tenha todo seu ser imerso nele Brahman então levanta o Devī por Hūm-Kāra, perfura o centro da Linga, a boca da qual está fechada, portanto invisível, e por meio do Ar e do Fogo (dentro dele) coloca Ela dentro do Brahmādvāra.

51.

A Devī que é Shudda-sattvā penetra os três Lingas, e tendo chegado a todos os Lótus conhecidos como os Lótus Brahma-nādī, brilha em seu interior na plenitude de Seu brilho.

Logo, em Seu sutil estado, brilhante como o relâmpago e fina como a fibra de Lótus. Ela vai até o brilhante flamejante Shiva, a Felicidade Suprema e, de repente, produz a felicidade da Liberação.

52.

O sábio e excelente Yogī, arrebatado ou em êxtase, e devoto dos pés de Lótus de seu Guru, deverá guiar a Kula-kundalī junto com Jīva seu Senhor o Parashiva na morada de Liberação dentro do puro Lótus, e meditar sobre Ela que outorga todos os desejos como o ChaitanyarūpāBhagavatī. Deverá fazer absorver dentro Dela todas as coisas, quando assim guia a Kula-Kundalinī.

53.

A formosa Kundalī bebe o excelente néctar vermelho emanado de Para Shiva, e regressa, onde brilha a Felicidade Eterna e Transcendental em toda sua glória, ao longo do caminho de Kula, e de novo entra o Mūlādhāra. O Yogī que tem firmeza de mente faz oferenda (Tarpana) para Ishta-devata e aos Devatās nos seis centros (Chakras), Dākini e outros, com essa corrente de néctar celestial que está no copo de Brahmanda, o conhecimento do qual obteve por meio da tradição dos gurus.

54.

O Yogī que aprendeu, depois de praticar Yama, Niyama, ou o que lhes parece, este excelente método dos pés de Lótus do auspicioso Dīkshāguru, que são fonte de felicidade ininterrupta, e cuja mente (Manas) está dominada, não nasce mais neste mundo (Samsara). Para ele não existe dissolução nem no tempo da Dissolução final. Alegrado pela constante realização daquilo que é fonte de Felicidade Eterna, enche-se de Paz e é principal entre todos os Yogīs.

55.

Se o Yogī, devoto aos pés de Lótus de seu guru, de coração não perturbado e mente concentrada, lê esta obra que é fonte suprema do conhecimento da Liberação, e que não tem faltas, é puro, e muito secreto, então, seguramente, sua mente dança aos Pés de seu Ishta-devatā.

TEXTO DO PĀDUKĀ-PANCHAKA

Décima Sexta Ensinança

A banqueta quintupla

Verso de introdução

Medito sobre o Guru no Lótus de mil pétalas, radiante como os frescos raios da Lua cheia, cujas mãos fazem gestos daquele que outorga favores e dissipa o medo. Seu traje, grinalda e perfumes são sempre frescos e puros. Seu porte benigno. Está no Hamsa na cabeça. É o Hamsa.

Primeiro Verso.

Adoro o maravilhoso Lótus Branco de doze letras que está na matriz (Udare), e é inseparável do pericarpo do Lótus, no qual está o Brahma-randhra e que está adornado pelo canal de Kundalī.

Segundo Verso.

Adoro a morada de Shakti no lugar em que se reúnem os pericarpos. Está formada pelas linhas A, Ka e Tha; e as letras Ha, La e Ksha, visíveis em cada uma das pontas, e lhe dão o caráter de uma Mandala.

Terceiro Verso.

Em meu coração medito sobre o Altar com Joias (Manipītha) e sobre Nāda e Bindu dentro do triângulo do qual falamos. A glória vermelho-pálido das gemas neste altar humilha o brilho do relâmpago. Sua substância é Chit.

Quarto Verso.

Medito atentamente sobre as três linhas acima delas (Manipītha), começando pela linha do fogo, e sobre o brilho de Manipītha, realçado pelo brilho das três linhas, medito também sobre o Hamsa primordial, que é a todo poderosa Grande Luz na qual está absorvido o Universo.

Quinto Verso.

A mente ali contempla os dois Lótus que são os Pés do Guru, e dos quais o mel é néctar cor rubi. Estes dois Pés são frescos como o néctar da Lua, e são o lugar de toda a proteção.

Sexto Verso.

Adoro em minha cabeça os dois Pés de Lótus de meu Guru. A banquetta cheia de joias sobre a qual descansam, extrai todo pecado. São vermelhas como folhas jovens. Suas unhas se assemelham à lua brilhando em toda sua glória. Deles é o maravilhoso brilho dos Lótus que crescem no lago de néctar.

Sétimo Verso.

Este hino de louvor da Quintupla banquetta foi pronunciado por Ele de cinco Faces. Por ele (Seu recitado e ouvi-lo) se obtém o bom que se ganha por (o recitado e o ouvi-los) todos os hinos em louvor de Shiva. Tal fruto, tão somente se obtém por meio do grande trabalho no Vagar (Samsāra).